A top-down view of a white ceramic plate centered on a dark red, textured surface. A silver fork is positioned to the left of the plate, and a silver knife is to the right. The text is centered on the plate.

**Ficha catalográfica disponibilizada  
pelo Sistema Integrado de Bibliotecas  
(SIBI/UFES) e elaborada pelo autor**

# DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO



**Autoria:** Suely Martiniano de Souza e Renata Duarte Simões Orientadora).

**Nível de ensino a que se destina o produto:** EJA (Ensino Médio) - Educação Básica.

**Área de Conhecimento:** Educação.

**Público-alvo:** Professores da EJA, educadores da rede pública e demais profissionais envolvidos com educação em territórios empobrecidos.

**Categoria deste produto:** desenvolvimento de livro digital vinculado à Educação na EJA.

**Finalidade:** sintetizar as vivências, reflexões e problemáticas emergidas nas narrativas dos estudantes da EJA, articulando-as às práticas dialógicas desenvolvidas em sala para enfrentar as múltiplas fomes – de direitos, de justiça, de dignidade e de pertencimento – que atravessam suas trajetórias.

**Organização do produto:** O produto foi organizado em seções, sintetizando os objetivos, o processo metodológico, os conceitos teóricos e as sugestões de práticas curriculares.

**Registro de propriedade intelectual:** Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

**Disponibilidade:** irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

**Divulgação:** digital. URL: Página do PPGPE: [www.educacao.ufes.br](http://www.educacao.ufes.br)

**Processo de validação:** Validado na banca de defesa da dissertação.

**Processo de aplicação:** Será disponibilizado aos professores da EJA, gestores e demais profissionais da escola onde a pesquisa foi desenvolvida, além de toda comunidade interessada em compreender as dimensões formativas que emergem das narrativas de sujeitos jovens e adultos em contextos empobrecidos.

**Impacto:** alto. Produto elaborado a partir dos movimentos dialógicos realizados com os estudantes, permitindo compreender como suas vivências, dores, sonhos e ausências de direitos atravessam seus processos formativos e suas possibilidades de leitura de mundo.

**Inovação:** alto teor inovativo. O produto integra narrativas reais produzidas pelos estudantes da EJA em um e-book autoral e as articula a seqüências didáticas e práticas dialógicas contextualizadas, produzindo materiais inéditos para o trabalho pedagógico em territórios empobrecidos.

**Origem do produto:** dissertação intitulada “FOME DE QUÊ?: diálogos com sujeitos da EJA de uma escola situada em região empobrecida de Vila Velha-ES”.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL  
EM EDUCAÇÃO – PPGPE**

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras - Vitória - ES  
CEP: 29075-073

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Dulcineia Campos Silva  
Suzany Goulart Lourenço

**DESIGN/DIAGRAMAÇÃO**

Gustavo Guilherme da Conceição

**PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO**

PPGPE / UFES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES**

EUSTÁQUIO VINÍCIUS DE CASTRO  
Reitor

SONIA LOPES VICTOR  
Vice-Reitora


VALDEMAR LACERDA JÚNIOR  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

REGINALDO CÉLIO SOBRINHO  
Diretor do Centro de Educação

SILVANA VENTORIM  
Vice-Diretor do Centro de Educação

RENATA DUARTE SIMÕES  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
Profissional de Educação - PPGPE

CLEYDE RODRIGUES AMORIM  
Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação  
Profissional de Educação - PPGPE





# AUTORAS



## SUELY MARTINIANO DE SOUZA

Suely Martiniano de Souza é professora de Língua Portuguesa na Educação Básica no Estado do Espírito Santo, nas modalidades do Ensino Regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Graduada em Letras pela UFES, possui especialização em Psicopedagogia e Neurociências pela Universidade Paulista (UNIP, 2021) e, atualmente, é mestranda do Programa Profissional em Educação - PPGPE/UFES. Sua pesquisa articula práticas dialógicas, letramentos críticos, direitos humanos e educacionais e às relações entre pobreza, desigualdade social e escolarização.

## RENATA DUARTE SIMÕES

Renata Duarte Simões é professora associada no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (DLCE/Ufes) e do Programa de Pós Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE/Ufes); mestra em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP, 2005); doutora em História da Educação e Historiografia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp, 2009), pós-doutora em História da Educação e Historiografia pela Feusp (2013) e em Educação pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp (2023).



<b>1 PREPARANDO O TERRENO... E A MESA: APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 SABERES QUE SUSTENTAM: BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA.....</b>	<b>7</b>
<b>3 DA FOME DA ESCUTA À ESCRITA QUE NUTRE: A CONSTRUÇÃO DO LIVRO COM OS ESTUDANTES.....</b>	<b>11</b>
<b>4 PRÁTICAS QUE ALIMENTAM: SUGESTÕES PARA A SALA DE AULA.....</b>	<b>14</b>
SUGESTÃO 1 – COMPREENDENDO O MUNDO DO TRABALHO PELA LEITURA CRÍTICA.....	15
SUGESTÃO 2 – MATERNIDADE, CUIDADO E RESISTÊNCIA: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	17
SUGESTÃO 3 – FOME E DESIGUALDADE: ARTIGO DE OPINIÃO.....	20
SUGESTÃO 4 – RACISMO, DISCRIMINAÇÃO E DISCURSO: LEITURA CRÍTICA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	23
SUGESTÃO 5 – PROJETO DE VIDA: “CARTA PARA O FUTURO”.....	26
SUGESTÃO 6 – NARRATIVAS DE SI: ESCREVER PARA EXISTIR.....	29
SUGESTÃO 7 – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE: RESPEITAR A FALA PARA FORTALECER A ESCRITA.....	32
SUGESTÃO 8 – POEMA SOCIAL: A PALAVRA COMO DENÚNCIA E REEXISTÊNCIA.....	35
SUGESTÃO 9 – NOTÍCIA COMUNITÁRIA: REPORTAR O TERRITÓRIO PARA LER O MUNDO...	38
SUGESTÃO 10 – PODCAST: VOZES DA EJA, VOZES DA PERIFERIA.....	40
<b>5 A FOME DE SEGUIR... ..</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE - LIVRO “FOME DE QUÊ: RELATOS E REFLEXÕES DA GENTE DA EJA EM TERRA VERMELHA”.....</b>	<b>47</b>



# SUMÁRIO

# Apresentação

A construção deste Produto Educacional está diretamente vinculada ao percurso investigativo desenvolvido ao longo do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), cujo eixo central consistiu em compreender as múltiplas fomes que atravessam a vida dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um território periférico do município de Vila Velha/ES.

A pesquisa, orientada por uma perspectiva crítica e dialógica, tomou como ponto de partida e de chegada as narrativas produzidas pelos próprios estudantes – textos que emergiram dos encontros pedagógicos mediados pela pesquisadora. Dessa forma, este produto educacional foi elaborado a partir do livro “Fome de quê? – Relatos e reflexões da gente da EJA em Terra Vermelha”, organizado como resultado dos movimentos dialógicos conduzidos com estudantes da Primeira Etapa da EJA (Ensino Médio Profissionalizante), no primeiro semestre de 2024.

Assumindo o currículo como território de disputa, no qual as narrativas, fomes e lutas dos estudantes constituem conteúdos legítimos do processo educativo, compreendemos que os alunos da EJA são sujeitos históricos portadores de saberes e trajetórias que tensionam o currículo formal (Arroyo, 2017; 2018). Assim, defendemos que, tratando-se de um material originado no interior do cotidiano escolar, a função pedagógica dos textos dos alunos ultrapassa a de simples documento: ele é um recurso didático legítimo, capaz de articular práticas de letramento, ensino de normas gramaticais e defesa de direitos, a partir de um currículo construído, que se efetiva nas práticas pedagógicas e nas experiências concretas dos sujeitos.

A decisão de transformar o livro em núcleo estruturante de um Produto Educacional partiu dessa constatação de que essas narrativas carregam um potencial formativo significativo. Elas explicitam demandas reais dos estudantes e, ao mesmo tempo, abrem caminhos para práticas pedagógicas comprometidas com a realidade linguística e social dos sujeitos da EJA. Assim, o produto aqui apresentado nasce do encontro entre pesquisa, prática docente e compromisso ético-político com a educação pública.

Ao sistematizar este produto educacional, buscamos traduzir a potência formativa desses textos em possibilidades reais de ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio da EJA, articulando saberes linguísticos, práticas sociais de linguagem e direitos historicamente negados. Além disso, partimos de uma premissa política e metodológica: a formação em Língua Portuguesa para a EJA não pode dissociar-se das demandas sociais e das condições de vida dos sujeitos – isto é, não basta ensinar regras; é imperativo mobilizar a língua para leitura do mundo e intervenção sobre ele (Freire, 1989; Freire, 1996).

Admitimos que a produção desse livro não foi planejada inicialmente como Produto Educacional, mas tornou-se, durante o percurso, uma resposta necessária àquilo que se revelava nas práticas de leitura e escrita da EJA, pois percebemos que é no diálogo e na escuta do outro que a prática educativa se constitui como prática de liberdade (Freire, 1996). Dessa forma, a escrita dos estudantes passou a orientar a própria pesquisa e, posteriormente, a inspirar a elaboração de um material que pudesse ampliar o alcance pedagógico do que foi vivido em sala de aula. Portanto, por defendermos que a escola que recebe trabalhadores precisa escutar o mundo que eles carregam (Arroyo, 2017), ressaltamos que as práticas aqui apresentadas não são “aplicações” do livro, mas desdobramentos éticos e pedagógicos de um compromisso com a vida e com a palavra dos sujeitos.

## SABERES QUE SUSTENTAM: BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA

O referencial teórico e metodológico que sustenta este produto educacional dialoga diretamente com a dissertação “FOME DE QUÊ?": diálogos com sujeitos da EJA de uma escola situada em região empobrecida de Vila Velha-ES. Partimos do entendimento de que a Educação de Jovens e Adultos é um campo profundamente marcado pelas desigualdades sociais, pelas interrupções de trajetória e pelas constantes negações de direitos. Compreender a EJA exige olhar para a complexidade das vidas que a constituem, reconhecendo que seus percursos não podem ser separados das estruturas de pobreza, violência e vulnerabilidade que atravessam territórios como a Grande Terra Vermelha. Assim, este referencial articula estudos sobre pobreza, linguagem, letramento, território, direitos sociais e práticas pedagógicas dialógicas, compondo a base teórico-metodológica que orienta as ações educativas que dele derivam.

A compreensão da pobreza adotada nesta pesquisa fundamenta-se na concepção de que se trata de um fenômeno histórico, estrutural e multidimensional. Dialogamos com Arroyo (2005; 2017; 2018), Telles (1993), Yazbeck (2012) e Cararo (2015) para reconhecer que a pobreza ultrapassa a insuficiência de renda e se manifesta como negação de direitos, restrição de futuro, violência territorial, insegurança alimentar, abandono estatal e precarização da vida. As narrativas dos estudantes evidenciam que essas dimensões atuam simultaneamente e moldam, de maneira profunda, seus modos de estar no mundo. Essa perspectiva desloca o olhar da responsabilização individual para a compreensão das engrenagens históricas que produzem e mantêm desigualdades, permitindo que a escola se torne espaço de leitura crítica da realidade.

A metodologia da pesquisa se ancora na pesquisa-ação, conforme concebida por Barbier (2002), que a entende como processo indissociável entre investigar e transformar. Nessa abordagem, os sujeitos não são fontes de dados, mas participantes ativos da construção do conhecimento. Em diálogo com Barbier, organizamos o percurso metodológico em ciclos de escuta, análise, intervenção e reanálise, permitindo que cada encontro orientasse o seguinte e que as demandas emergentes dos estudantes se tornassem motor do processo formativo. Essa dinâmica possibilitou captar a complexidade das múltiplas experiências no tocante à pobreza na Grande Terra Vermelha, revelada nas falas, nos gestos, nos silêncios e nas escritas dos participantes.

A prática dos movimentos dialógicos, inspirada em Paulo Freire (2018; 2021), constituiu o eixo central das ações metodológicas. Para Freire (2018), o diálogo é gesto ético e político que rompe com a lógica bancária e restitui dignidade aos sujeitos historicamente silenciados. No contexto desta pesquisa, os encontros dialógicos permitiram que os estudantes tomassem a palavra para interpretar suas experiências, compartilhar suas dores, denunciar violências e elaborar desejos. A palavra, aqui, não é recurso pedagógico; é direito.

O diálogo com Paiva e Sales (2014) reforça a compreensão da EJA como campo de disputa e como política historicamente marcada por descontinuidades, invisibilizações e práticas compensatórias. Para as autoras, reconhecer os estudantes jovens e adultos como sujeitos de saber é condição para a efetivação de uma educação verdadeiramente democrática. A articulação entre Freire (2018; 2021), Paiva e Sales (2014) e Barbier (2002) permitiu sustentar metodologicamente a ideia de que os estudantes não são destinatários, mas coautores do processo educativo, intervindo e ressignificando o percurso investigativo.

No campo da linguagem, esta pesquisa se fundamenta na compreensão de que ler, escrever e dizer são práticas sociais atravessadas pelas condições concretas de vida dos sujeitos. Com Bagno (2007), compreendemos que não existe língua “errada”, mas práticas linguísticas diversas, historicamente construídas, e que o preconceito linguístico reforça desigualdades ao deslegitimar modos populares de falar e escrever. As escolhas linguísticas dos estudantes – seus modos de narrar, de organizar a frase, de grafar, de ritmar a palavra – são expressões legítimas de identidade e pertencimento. Assumir essa perspectiva desloca o foco da correção normativa para o acolhimento das variedades linguísticas, valorizando a língua como experiência social viva.

A palavra, aqui, não  
é recurso pedagógico;  
é direito.

A perspectiva de Bakhtin (2012) reforça essa compreensão ao afirmar que toda enunciação é sempre resposta: resposta a discursos anteriores, a vivências concretas, a relações sociais. As narrativas dos estudantes expressam esse caráter dialógico da linguagem: respondem à fome, à pobreza, à violência urbana, ao abandono escolar, às políticas ausentes, e também respondem ao desejo de mudança, de dignidade e de futuro. Cada texto é, ao mesmo tempo, testemunho e posicionamento. Assim, a palavra escrita deixa de ser mero produto escolar para se tornar lugar de memória, identidade e reinvenção.

A dimensão territorial é igualmente central. Em diálogo com Zibechi (2012), compreendemos Terra Vermelha como território vivido, tecido por relações de conflito, solidariedade, potência e opressão, pois compreendemos que o território é produtor de subjetividades e de modos de vida, e não apenas espaço geográfico. As narrativas dos estudantes revelam essa dimensão ao trazerem, de modo contundente, a ausência de políticas públicas, a violência cotidiana, o medo, o racismo, a precarização do trabalho e, ao mesmo tempo, a força das redes comunitárias que organizam a sobrevivência e a resistência.

Pensar um produto educacional nesse contexto exige reconhecer que o currículo não pode se descolar das condições materiais da vida dos estudantes. Dessa forma, este referencial teórico-metodológico compreende que narrar é interpretar, resistir e existir. Ao articular estudos sobre pobreza, teorias críticas da linguagem, reflexões sobre território e práticas dialógicas próprias da pesquisa-ação, este produto educacional se inscreve como prática de enfrentamento às desigualdades e de afirmação da potência transformadora da escola.



***Para Freire (2018),  
o diálogo é gesto ético  
e político que rompe  
com a lógica bancária e restitui  
dignidade aos sujeitos historicamente  
silenciados.***

## DA FOME DA ESCUTA À ESCRITA QUE NUTRE: A CONSTRUÇÃO DO LIVRO COM OS ESTUDANTES

A construção do livro *Fome de quê? Relatos e Reflexões da Gente da EJA em Terra Vermelha* constituiu-se como uma das etapas centrais do percurso metodológico desta pesquisa, desenvolvida junto aos estudantes da Primeira Etapa da EJA Profissionalizante da EEEFM Terra Vermelha, no primeiro semestre de 2024. Nascido no interior da pesquisa-ação e sustentado pelos movimentos dialógicos realizados em sala de aula, o livro emerge como síntese das vozes, narrativas e reflexões produzidas ao longo dos encontros, configurando-se como registro formativo, político e pedagógico das experiências desses sujeitos.

O processo de elaboração da obra não foi separado da investigação; ao contrário, foi parte constitutiva dela, dando forma escrita às discussões realizadas oralmente e possibilitando aos estudantes a autoria de textos que expressam suas leituras de mundo, suas dores e seus desejos. A metodologia adotada, inspirada na pesquisa-ação de Barbier e ancorada nos princípios freireanos do diálogo e da problematização, estruturou-se em encontros que combinaram rodas de conversa, escuta sensível, registros reflexivos e produção textual situada.

Em cada movimento dialógico, os estudantes elaboram sentidos para suas vivências nos territórios empobrecidos da Grande Terra Vermelha, discutindo temas como abandono escolar, violência, racismo, trabalho precarizado, fome material e simbólica, maternidade e paternidade juvenis, desigualdade territorial e negação histórica de direitos. Esses diálogos produziram um corpo de narrativas densas, que passaram a constituir a matéria-prima do livro.

O primeiro encontro concentrou-se nas histórias de vida dos estudantes: suas trajetórias escolares interrompidas, os caminhos que os levaram a retornar à escola e as marcas deixadas pelas experiências de infância e juventude vividas em contextos de pobreza. As falas revelaram memórias de exclusão, responsabilidades precoces, perdas familiares e lutas cotidianas pela sobrevivência, compondo um tecido narrativo que expressa tanto dor quanto resistência. A partir desse conjunto de relatos, organizou-se a primeira parte da obra, intitulada *A gente*, onde os textos apresentam quem são esses sujeitos, de onde falam e como se constituem ao longo de suas histórias.

No segundo encontro, aprofundaram-se as discussões sobre a pergunta geradora da pesquisa – “Fome de quê?” – que serviu como dispositivo para ampliar a compreensão sobre a pobreza e a extrema pobreza vivenciadas pelos estudantes. As falas evidenciaram múltiplas dimensões da fome: fome de comida, de trabalho, de moradia, de segurança, de justiça, de tempo, de acolhimento e de direitos. A violência urbana, a ausência do Estado, o medo cotidiano e as condições precárias de existência aparecem recorrentemente, configurando um discurso coletivo de denúncia. Esses sentidos compõem a segunda parte do livro, *A gente não quer*, em que os textos explicitam a recusa às diversas formas de opressão e negligência que atravessam o território.

O terceiro encontro mobilizou reflexões sobre o futuro, sobre o que desejam, sonham e reivindicam como possibilidade de ruptura com a condição empobrecida. Nessa etapa, emergiram expectativas ligadas ao trabalho digno, à continuidade dos estudos, à melhora das condições de moradia, à proteção das famílias e ao desejo de paz no bairro. Os estudantes falaram de esperança, de força e de persistência, apesar das adversidades. Esses sentidos organizam a terceira parte da obra, *A gente não quer só comida*, na qual os textos afirmam desejos de dignidade, justiça e transformação social.

Salientamos que, durante todo o processo, escrever foi gesto interpretativo, movimento de subjetivação e afirmação de existência, pois reafirmamos, com Geraldi (2003), que o texto é espaço de produção de sentidos e não apenas objeto de avaliação. Por isso, decidimos preservar as marcas linguísticas originais dos textos – grafias, sintaxes, oralidade, rupturas – de modo ético e político, por entendermos que editar excessivamente os textos apagara a materialidade da vida que se inscreve na palavra.

Assim, a organização final do livro preserva a escrita original dos estudantes, valorizando suas marcas linguísticas, seus estilos, ritmos e modos de dizer. Nenhuma intervenção foi feita para apagar identidades linguísticas ou uniformizar narrativas; a revisão, feita pelos próprios estudantes durante as aulas de Língua Portuguesa, buscou apenas garantir legibilidade, respeitando a autoria e o pertencimento de cada texto.

O livro constitui-se como produto educacional e político: um material que registra e publiciza narrativas de sujeitos jovens e adultos, rompe silenciamentos históricos, fortalece vínculos, amplia a leitura crítica da realidade e inscreve no currículo escolar da EJA as vivências e os saberes produzidos no território. Estruturada em três partes, articuladas aos sentidos produzidos nos encontros, compõe um mosaico de vozes que permite compreender a EJA não apenas como modalidade de ensino, mas como espaço de elaboração de vida. Dessa forma, ao tornar visíveis as narrativas da Grande Terra Vermelha, defendemos que a obra contribui para o debate educacional, para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas e para a afirmação da educação como direito e possibilidade concreta de enfrentamento das desigualdades que marcam a vida desses estudantes.





As atividades aqui reunidas foram pensadas a partir das demandas concretas que emergiram durante a pesquisa de mestrado: Ao reunir relatos que tratam de pobreza multidimensional, trabalho informal, maternidades, insegurança territorial e demandas por políticas públicas, acreditamos que os textos dos alunos oferecem aos professores material autêntico para desenvolver práticas que articulam consciência crítica, competência linguística e habilidades de participação social (Bagno, 2007).

Com esse objetivo, foram construídas dez sugestões pedagógicas a partir dos princípios teórico-metodológicos que orientam a pesquisa e o Produto Educacional, ancorados na educação dialógica de Paulo Freire (2018; 2021), na compreensão crítica da EJA como campo de disputa e direito (Paiva; Sales, 2014), na concepção multidimensional da pobreza (Arroyo, 2005; 2017; 2018; Telles, 1993; Yazbeck, 2012; Cararo, 2015), na abordagem sociológica da linguagem (Bagno, 2007; Bakhtin, 2012; Geraldi, 2003), na centralidade do território como lócus de produção de sociabilidades (Zibechi, 2012) e na pesquisa-ação como método (Barbier, 2002).

Cada proposta didática está organizada de modo a articular conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa com práticas sociais de linguagem, favorecendo habilidades previstas no currículo da EJA, como leitura crítica, produção textual, interpretação de textos multimodais e análise da língua em seus usos. Foram organizadas com Tema Gerador, Fundamentação Pedagógica, Objetivos, Conteúdos Curriculares, Etapas e Ações, Produto Final e Avaliação, buscando coerência, clareza e aplicabilidade na EJA.

# Sugestão 1

## COMPREENDENDO O MUNDO DO TRABALHO PELA LEITURA CRÍTICA

### Tema gerador

Trabalho precário, informalidade e desconhecimento dos direitos previstos na CLT.

### Fundamentação pedagógica

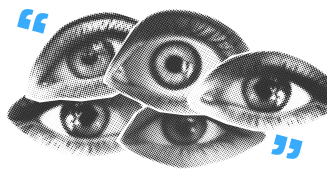
A proposta fundamenta-se na leitura crítica da realidade como prática emancipatória (Freire, 2018; 2021), reconhecendo o trabalho precário como expressão da pobreza multidimensional (Arroyo, 2005; 2017; 2018). O estudo da CLT torna-se instrumento de autonomia para sujeitos historicamente afastados dos textos normativos, assumindo o letramento como prática social (Geraldi, 2003). Em diálogo com Bakhtin (2012), a linguagem jurídica é compreendida como esfera ideológica que deve ser apropriada para reivindicar direitos.

### Objetivo geral

Desenvolver competências de leitura crítica e reescrita de textos normativos a partir das experiências de trabalho narradas pelos estudantes.

### Objetivos específicos

Identificar direitos fundamentais da CLT;  
Relacionar legislação às vivências reais;  
Traduzir linguagem técnica para linguagem comunitária;  
Produzir textos funcionais com finalidade social.



### Conteúdos curriculares

Modalizadores textuais; Verbos no imperativo/indicativo;

Vocabulário técnico; Coesão; Gêneros funcionais (cartilha/guia).

### **Etapas e ações**

1. Leitura de trechos do livro sobre trabalho e conversa sobre direitos conhecidos e desconhecidos.
2. Estudo guiado da CLT - Leitura de artigos curtos (férias, FGTS, jornada, aviso prévio) com glossário construído coletivamente.
3. Produção do quadro comparativo “O que a CLT promete x O que vivemos” e debate sobre desigualdades.
4. Análise linguística - Identificação e interpretação de modalizadores (“é vedado”, “é permitido”, “é obrigatório”).
5. Reescrita em linguagem simples: Transformação do texto dos artigos da lei.
6. Organização dos textos reescritos em formato de cartilha/infográfico.
7. Socialização - Apresentação oral da cartilha e discussão sobre sua utilidade social.

### **Avaliação**

Participação nas atividades dialógicas; Clareza e adequação ao gênero; Capacidade de reescrita crítica; Coerência e organização textual; Contribuição para o produto final.

## *Produto Final*

CARTILHA COMUNITÁRIA “SEUS DIREITOS TRABALHISTAS EM LINGUAGEM SIMPLES”.

# Sugestão 2

MATERNIDADE, CUIDADO E RESISTÊNCIA: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

## **Tema gerador**

Sobrecarga das mulheres, maternidade solo, cuidado, trabalho e resistência.

## **Fundamentação pedagógica**

Esta proposta parte da compreensão de que a pobreza afeta de forma desigual as mulheres, ampliando sobrecargas e silenciamentos (Arroyo, 2005; 2017; Yazbeck, 2012). A narrativa autobiográfica, compreendida como produção de sentidos (Geraldi, 2003), possibilita que estudantes nomeiem suas experiências e resistências. Inspirada na pedagogia freireana (Freire, 2018; 2021), a escrita de si se torna gesto político de recuperação da voz. Em diálogo com Bakhtin (2012), entende-se a autobiografia como enunciação situada, que articula maternidade, trabalho, território e identidade.

## **Objetivo geral**

Produzir, analisar e reescrever narrativas autobiográficas que expressem experiências de maternidade, cuidado, sobrecarga e resistência.

## **Objetivos específicos**

Ler e discutir relatos femininos presentes no livro;  
Identificar elementos estruturais da narrativa autobiográfica;  
Refletir sobre maternidade, cuidado e desigualdade de gênero;  
Produzir e reescrever relatos autorais com organização temporal.

## Conteúdos curriculares

Modalizadores textuais; Verbos no imperativo/indicativo; Vocabulário técnico; Coesão; Gêneros funcionais (cartilha/guia).

## Etapas e ações

1. Leitura inicial dos textos em que mulheres relatam cuidado, maternidade solo, cansaço, violência, medo ou resistência.

Pergunta motivadora: “O que significa ser mãe e estudar na EJA?”

Mapeamento coletivo dos desafios narrados.

2. Debate sobre desigualdade de gênero e sobrecarga

Conversa orientada relacionando os relatos a aspectos estruturais da pobreza.

Identificação das “fomes das mulheres”: tempo, descanso, apoio, segurança, reconhecimento.

3. Análise de modelos de narrativas autobiográficas -

Leitura de textos de referência (trechos literários, entrevistas, memoriais).

Identificação dos elementos da narrativa: personagem-narradora, tempo da experiência, conflitos enfrentados, mudanças ou aprendizagens;

Discussão sobre marcas linguísticas de subjetividade.



4. Mapeamento da temporalidade

Atividade “Linha do tempo da minha rotina”: antes da maternidade, depois da maternidade, momento atual na EJA - para ajudar a organizar a narrativa no eixo temporal.

## 5. Produção do relato autobiográfico

Orientações para a escrita: foco em um episódio marcante; relação entre maternidade, trabalho, estudo e território; uso de verbos no pretérito; destaque para sentimentos, impactos e resistências – Escrita individual em sala, com apoio do professor.

## 6. Roda de leitura e devolutiva coletiva - Estudantes leem seus relatos (opcional).

Comentários éticos e acolhedores, sem correção normativa.

Identificação de pontos fortes: voz, emoção, clareza, estrutura.

## 7. Reescrita com foco na temporalidade e na coesão

Orientação da professora para reorganização do texto: clareza dos acontecimentos;

ordem temporal; coerência interna; manutenção da voz própria do estudante.

## **Avaliação**

Clareza temporal e estruturada do texto;

Marcas de subjetividade e autoria;

Coerência narrativa; Participação nas discussões e na roda de leitura; Engajamento no processo de reescrita.

## *Produto Final*

COLETÂNEA MURAL OU DIGITAL DE NARRATIVAS

AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE MATERNIDADE, CUIDADO E

RESISTÊNCIA NA EJA.

# Sugestão 3

## FOME E DESIGUALDADE: ARTIGO DE OPINIÃO

### Tema gerador

As múltiplas “fomes” – materiais e simbólicas – conectadas às desigualdades estruturais do território.

### Fundamentação pedagógica

A proposta se fundamenta na compreensão da pobreza como fenômeno estrutural e multidimensional (Arroyo, 2005; 2017; 2018; Yazbeck, 2012; Telles, 1993), articulando leitura crítica de dados e experiências territoriais. A escrita de artigos de opinião mobiliza a linguagem como prática social (Bakhtin, 2012) e a produção de sentidos (Geraldini, 2003), permitindo que os estudantes relacionem vivências e análise. Alinhada à perspectiva freireana (Freire, 2018; 2021), a proposta utiliza a temática da fome – real e simbólica – para estimular consciência crítica e argumentação cidadã.

### Objetivo geral

Compreender e produzir artigos de opinião que articulem dados estatísticos, experiências concretas e reflexão crítica sobre fome e desigualdade.

### Objetivos específicos

Interpretar trechos do livro relacionados às várias formas de fome;

Relacionar experiências pessoais a dados estatísticos;

Compreender a estrutura e função do artigo de opinião;

Produzir texto argumentativo curto com tese clara e argumentos consistentes.

## Conteúdos curriculares / Linguísticos

Estrutura do artigo de opinião; Formulação de tese; Argumentos (experiências, fatos, dados, exemplos); Linguagem objetiva e concisa; Conectores argumentativos.

## Etapas e ações

1. Leitura dos textos em que os estudantes mencionam fome real e simbólica e .

Pergunta de sensibilização: “Que fomes aparecem nos relatos? De que mais sentimos fome no território?”

Registro coletivo das categorias de fome identificadas: comida, saúde, paz, tempo, estudo, futuro.

2. Leitura crítica de dados atualizados - Apresentação de dados da Rede PENSSAN, IBGE ou Ministério do Desenvolvimento Social (sem tecnicismo).

Comparação entre relatos do livro e dados oficiais.

Debate: “Por que a fome continua existindo?”

Conexão com a ideia de pobreza multidimensional.

3. Seleção e análise de textos curtos reais publicados na mídia (editoriais, blogs jornalísticos, colunas).

Identificação dos elementos: tese, argumentos, contra-argumentos (quando houver), conclusão.

Discussão sobre linguagem objetiva e construção de autoridade discursiva.

4. Oficina de elaboração de tese - Atividade prática:

Cada estudante formula três possíveis teses sobre fome e desigualdade (ex.: “A fome em Terra Vermelha vai além da comida”).



Socialização e seleção de uma tese para o texto.

#### 5. Construção dos argumentos

Em grupos, construir argumentos para sustentar a tese escolhida usando: dados apresentados; relatos dos estudantes; exemplos do território; vivências pessoais; citações indiretas dos autores da pesquisa (ex.: “Como afirma Arroyo...”).

#### 6. Produção do artigo de opinião

Escrita de um texto argumentativo com: tese clara no início; dois ou três argumentos consistentes; linguagem objetiva; conclusão com proposta ou reflexão.

#### 7. Reescrita orientada

Revisão entre pares com foco em: coerência; clareza; força argumentativa; adequação ao gênero.

### Avaliação

Clareza da tese; Relevância e consistência dos argumentos; Adequação ao gênero artigo; Capacidade de articular vivências e dados; Participação no processo de escrita e reescrita.

## *Produto Final*

COLETÂNEA DE ARTIGOS DE OPINIÃO, EXPOSTA EM MURAL OU VERSÃO DIGITAL.

# Sugestão 4

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO E DISCURSO: LEITURA CRÍTICA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

## Tema gerador

Racismo, estigmatização territorial e discriminações vividas pelos estudantes.

## Fundamentação pedagógica

A proposta parte do entendimento de que racismo, discriminação e estigmas territoriais reforçam desigualdades estruturais (Arroyo, 2005; 2017; Yazbeck, 2012; Telles, 1993). A análise crítica do discurso, apoiada na linguagem como prática social ideológica (Bakhtin, 2012; Geraldi, 2003), possibilita revelar violências simbólicas presentes nos relatos. Inspirada em Freire (2018; 2021), a proposta promove conscientização e enfrentamento dos mecanismos de opressão. Assim, os estudantes analisam discursos discriminatórios e produzem respostas afirmativas e políticas sobre identidade e pertencimento.

## Objetivo geral

Analisar discursos discriminatórios e produzir textos de enfrentamento ao racismo e ao estigma territorial.

## Objetivos específicos

- Reconhecer diferentes formas de discriminação presentes no cotidiano e nos discursos;
- Identificar implícitos, pressupostos e estereótipos em textos reais;
- Refletir sobre o impacto do racismo e da desigualdade territorial na vida dos estudantes;
- Produzir um texto-manifesto de afirmação política e identitária.

## Conteúdos curriculares / Linguísticos

Pressupostos, implícitos e inferências; Marcadores sociais da diferença (raça, classe, território); Discurso direto e indireto; Interdiscursividade; Linguagem discriminatória e suas consequências.

## Etapas e ações

1. Leitura e discussão de trechos dos textos dos alunos que abordam discriminação racial, piadas humilhantes, estigmas territoriais ou violência simbólica.

Pergunta motivadora: “Onde vocês percebem racismo e discriminação no dia a dia?” - Registro coletivo de situações reais mencionadas pelos estudantes.

2. Leitura crítica de textos reais (mídia e redes sociais) - Seleção de manchetes, comentários, posts e pequenos textos que contenham: estigmas (“morador de periferia é...”), falas racistas veladas, discursos que culpabilizam indivíduos pela pobreza.

Identificação dos implícitos e estereótipos.

Discussão sobre como o discurso constrói desigualdade.

3. Análise coletiva dos marcadores sociais - Debate sobre raça, território, classe e seus entrecruzamentos; Relação entre discriminação, violência e pobreza multidimensional.

Elaboração de um quadro: Como aparece?; A quem serve?; Quem é silenciado?

4. Oficina de reescrita crítica

Reescrita de frases discriminatórias para formas respeitadas e inclusivas.

Conversa sobre responsabilidade ética e produção de discursos alternativos.



## 5. Produção do manifesto coletivo

Cada estudante escreve um parágrafo afirmando direitos, identidades e resistências.

Organização dos parágrafos em um único texto-manifesto.

Decisão coletiva sobre título, estrutura e destaques.

## 6. Socialização pública - Leitura do manifesto em roda.

Exposição no mural da escola ou postagem digital autorizada.

Conversa final: “Que discursos queremos fortalecer daqui para frente?”

### Avaliação

Capacidade de identificar discursos discriminatórios; Uso consciente da análise linguística (implícitos, estereótipos, interdiscursividade); Qualidade da reescrita crítica; Participação cooperativa na elaboração do manifesto; Clareza e coerência dos argumentos utilizados.

## *Produto Final*

MANIFESTO COLETIVO DA TURMA:

“VIDAS PERIFÉRICAS IMPORTAM: CONTRA O RACISMO, A DISCRIMINAÇÃO E O SILENCIAMENTO”.



# Sugestão 5

PROJETO DE VIDA: “CARTA PARA O FUTURO”

## Tema gerador

Os sonhos, desejos, expectativas e “fomes de futuro”.

## Fundamentação pedagógica

A proposta fundamenta-se na esperança crítica freireana (Freire, 2018; 2021), entendendo a escrita projetiva como possibilidade de reconstrução do futuro para sujeitos marcados pela pobreza multidimensional (Arroyo, 2005; 2017; Yazbeck, 2012). A carta pessoal articula linguagem e subjetividade como práticas de autoria (Gerald, 2003) e enunciação situada (Bakhtin, 2012), permitindo que estudantes expressem expectativas, desejos e caminhos. Desse modo, escrever ao “eu do futuro” torna-se gesto político de reivindicação de possibilidades e afirmação identitária.

## Objetivo geral

Produzir uma carta pessoal dirigida ao próprio “eu do futuro”, articulando modalização, temporalidade e reflexão identitária.

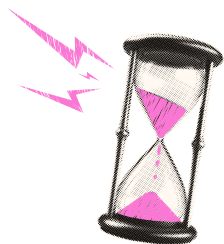
## Objetivos específicos

Identificar nos relatos do livro os desejos, sonhos e fomes de futuro presentes na EJA;

Analisar o gênero carta pessoal e seus elementos básicos;

Trabalhar verbos no futuro e expressões modalizadoras;

Produzir uma narrativa projetiva que dê forma aos desejos e metas dos estudantes.



## Conteúdos curriculares / Linguísticos

Gênero carta pessoal; Verbos no futuro (presente, futuro composto), Modalizadores (“espero”, “pretendo”, “desejo”, “talvez”); Marcas de interlocução (vocativos e despedidas); Temporalidade e coerência.

## Etapas e ações

1. Leitura de trechos dos textos dos alunos que mencionam futuro, mudança, desejo de estudar, expectativas de vida.

Pergunta motivadora: “Que futuro vocês imaginavam ao entrar na EJA? Que futuro desejam agora?”

Registro na lousa das “fomes de futuro”: estabilidade, profissão, paz, segurança, reconhecimento.

2. Leitura e análise de modelos simples de cartas pessoais (do professor ou diversas).

Identificação de: saudação; interlocução; corpo da carta; despedida; assinatura.

Discussão sobre a intencionalidade comunicativa da carta e seu valor afetivo e pessoal.

3. Oficina de temporalidade e modalização - Atividade com verbos no futuro e expressões modalizadoras:

Transformação de frases do presente para frases projetivas.

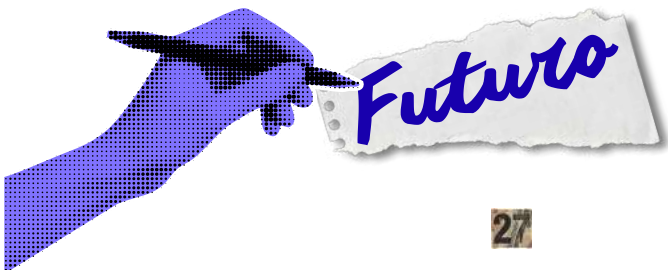
Conversa sobre incertezas, possibilidades e desejos.

4. Mapa “Quem eu sou hoje e quem desejo ser”

Atividade reflexiva em duplas ou individual: “Quem sou agora?”;

“O que desejo mudar?”; “O que espero alcançar em cinco anos?”

Construção de um quadro de metas reais, possíveis e desejáveis.



### 5. Produção da carta para o futuro

Escrita individual da carta, com orientações de: uso de modalizadores; clareza da projeção temporal; foco nos desejos, desafios e caminhos possíveis; linguagem pessoal e expressiva.

### 6. Roda opcional de leitura (acolhedora e afetiva)

Os estudantes podem compartilhar suas cartas, se desejarem. A turma oferece comentários respeitosos e encorajadores. Reforço de vínculos e fortalecimento da autoestima.

### 7. Selamento simbólico

Cada estudante guarda sua carta em envelope lacrado, com data sugerida para reabertura - A carta poderá ser aberta no final do período letivo ou no ano seguinte.

## Avaliação

Adequação ao gênero carta; Uso de verbos no futuro e modalizadores; Clareza da projeção temporal; Coesão e organização textual; Participação no processo reflexivo e de escrita.

## *Produto Final*

DOSSIÊ INDIVIDUAL “CARTA PARA O MEU FUTURO”, COMPONDO O PORTFÓLIO “QUEM EU QUERO SER?”.

# Sugestão 6

NARRATIVAS DE SI: ESCREVER PARA EXISTIR

## **Tema gerador**

As narrativas pessoais, marcadas por trajetórias interrompidas e resistência.

## **Fundamentação pedagógica**

A escrita de si é compreendida como ato de existência e humanização, fundamentado na pedagogia da escuta e da palavra (Freire, 2018; 2021). As narrativas expressam trajetórias atravessadas por pobreza multidimensional, violência e resistência (Arroyo, 2005; 2017; 2018). Em diálogo com Bakhtin (2012), entende-se a autobiografia como enunciação que responde ao mundo; com Geraldi (2003), como produção de sentidos e subjetividade. A proposta afirma que narrar a própria história fortalece identidades, rompe silenciamentos e consolida pertencimento.

## **Objetivo geral**

Produzir narrativas autobiográficas que valorizem a trajetória dos estudantes, articulando experiências pessoais, afetos e identidade social.

## **Objetivos específicos**

Ler e interpretar narrativas de si presentes no livro;  
Compreender a narrativa autobiográfica como gênero de afirmação subjetiva;  
Produzir relatos pessoais com organização temporal e coerência;  
Revisar textos mantendo a identidade linguística dos estudantes.

## Conteúdos curriculares / Linguísticos

Estrutura da narrativa autobiográfica; Temporalidade (antes- agora-depois); Marcas de subjetividade: pronomes, expressões afetivas, modalização; Coerência e progressão temática; Relação entre oralidade e escrita.

## Etapas e ações

1. Leitura sensível das narrativas onde os estudantes relatam momentos marcantes: infância, trabalho, violência, superação, sonhos.

Pergunta motivadora: “Que momentos da vida de vocês merecem ser narrados?”

Registro das temáticas que emergem: infância difícil, perdas, migração, maternidade, fome, trabalho, fé, resistência.

2. Oficina ‘Escrever com o corpo’

Conversa sobre memórias que ficam no corpo: cicatrizes, cheiros, trajetos, medos, alegrias.

Atividade rápida: escrever 5 lembranças fortes em 5 linhas.

Compartilhamento voluntário.

3. Análise do gênero narrativa de si

Identificação dos elementos básicos: situação inicial; evento marcante; conflito; desfecho ou reflexão; efeitos de sentido.

Discussão sobre como sentimentos e escolhas constroem a voz do narrador.

4. Produção do relato autobiográfico

Escrita individual de um texto com foco em um episódio significativo.

Orientações: evitar “contar tudo”; escolher uma experiência marcante; articular emoções e fatos; situar o episódio no tempo e no espaço (território).



5. Roda de leitura compartilhada - Leitura (opcional) de relatos em círculo.

A turma pratica escuta respeitosa, sem julgamento.

Identificação coletiva de força, coragem, pertencimento e resistência nos textos.

6. Reescrita orientada

Revisão feita pela professora com foco em: clareza textual; coerência temporal;

construção de voz; manutenção da identidade linguística; não apagamento das marcas culturais.

### **Avaliação**

Clareza e organização da narrativa; Marcas de subjetividade e voz própria; Participação na escuta e na roda de leitura; Revisão consciente sem apagamento identitário; Contribuição para o livro coletivo.

## *Produto Final*

CARTILHA COMUNITÁRIA “SEUS DIREITOS TRABALHISTAS EM LINGUAGEM SIMPLES”.

# Sugestão 7

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE: RESPEITAR A FALA PARA FORTALECER A ESCRITA

## Tema gerador

Preconceito linguístico e estigma territorial.

## Fundamentação pedagógica

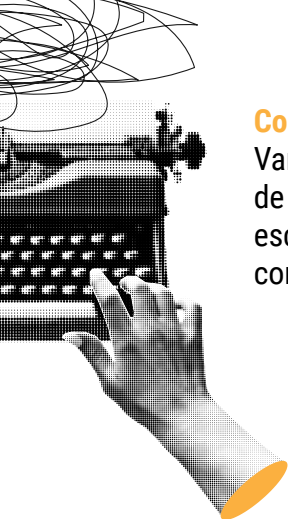
Fundamentada na sociolinguística crítica (Bagno, 2007), a proposta afirma que as variedades linguísticas dos estudantes são legítimas e carregam identidades, territorialidades e histórias. Em diálogo com Bakhtin (2012), reconhece-se a linguagem como prática viva e ideológica, e com Geraldi (2003), a escrita escolar como espaço de afirmação do sujeito. A pedagogia freireana (Freire, 2018; 2021) orienta o respeito aos saberes linguísticos dos estudantes. Assim, trabalhar variação linguística combate preconceitos e fortalece vozes periféricas, sem apagamento identitário.

## Objetivo geral

Reconhecer, analisar e valorizar a variação linguística presente nas falas e nos textos dos estudantes, fortalecendo a escrita sem apagar identidades.

## Objetivos específicos

Identificar marcas de oralidade e variedades linguísticas nos relatos dos estudantes;  
Compreender relações entre território, classe, raça e língua;  
Refletir criticamente sobre preconceito linguístico;  
Reescrever textos com consciência linguística e sem apagamento identitário.



## Conteúdos curriculares / Linguísticos

Variação linguística (regional, social, etária); Marcas de oralidade; Adequação comunicativa: fala x escrita; Preconceito linguístico; Reescrita consciente.

### Etapas e ações

1. A linguagem nos relatos do livro - Seleção de trechos do livro dos estudantes que contenham: oralidade marcada; variação lexical; construções sintáticas informais; registros típicos do território.

Conversa motivadora: “Por que nossa fala é diferente da fala de outros grupos sociais?”

2. Debate sobre território, fala e identidade - Discutir como a periferia é estigmatizada também pela linguagem.

3. Comparação entre texto oral e versão escrita - Apresentação de um pequeno excerto: versão com oralidade preservada; versão com adequação para o escrito.

Discussão: O que mudou?; O sentido continua o mesmo?; Por que às vezes é preciso adequar a escrita?; O que não podemos apagar?

4. Análise linguística dos textos dos estudantes

Grupos analisam trechos selecionados do livro ou dos colegas, identificando: repetições; regionalismos; encadeamentos típicos da fala; marcas de identidade.

Debate sobre quais ajustes são de adequação e quais seriam apagamentos.

5. Reescrita consciente - Cada estudante recebe seu próprio texto ou um trecho do livro.

Orientações para reescrever mantendo identidade linguística e adequando apenas o necessário ao gênero escrito - Explicitar o que foi mantido intencionalmente.

6. Construção coletiva: “Guia da nossa língua” - Produção de um pequeno glossário com expressões, jeitos de falar, regionalismos e sentidos locais.  
Conversa sobre a legitimidade das variedades periféricas.

“A gente quer comida,  
diversão e baile”  
(C.S.S., 2024)



### Avaliação

Capacidade de identificar marcas de oralidade e variação linguística; Reflexão crítica sobre preconceito linguístico; Consciência na reescrita (o que manter e por quê); Participação nas atividades e no glossário coletivo.

## Produto Final

“GUIA DA NOSSA LÍNGUA: EXPRESSÕES E MODOS DE FALAR DA EJA” – MURAL, CARTAZ OU MATERIAL DIGITAL.

# Sugestão 8

## POEMA SOCIAL: A PALAVRA COMO DENÚNCIA E REEXISTÊNCIA

### Tema gerador

As “fomes” simbólicas e materiais nos contextos de vida dos estudantes da EJA.

### Fundamentação pedagógica

A poesia é compreendida como ato político de nomeação do mundo (Freire, 2018; 2021) e como enunciação situada que expressa afetos e desigualdades (Bakhtin, 2012). A produção poética mobiliza autoria e subjetividade (Geraldi, 2003), permitindo que estudantes transformem dores, fomes e resistências em linguagem estética. A poesia social também expressa a materialidade da pobreza multidimensional e das violências do território (Arroyo, 2005; 2017; 2018). Assim, o poema torna-se espaço de denúncia, afirmação identitária e reexistência.

### Objetivo geral

Produzir poemas sociais que expressem sentimentos, vivências e denúncias presentes nas realidades dos estudantes.

### Objetivos específicos

Ler e interpretar poemas sociais escritos pelos colegas no livro;  
Identificar recursos poéticos simples (imagens, ritmo, repetição);  
Transformar sensações e experiências em linguagem poética;  
Compartilhar e reescrever poemas coletivamente.





### **Conteúdos curriculares / Linguísticos**

Verso e estrofe; Figuras e imagens poéticas; Repetição e paralelismo; Construção metafórica; Poema social e denúncia.

### **Etapas e ações**

1. Leitura de trechos selecionados dos textos dos estudantes com tom mais poético de escrita. Transformar um trecho em poema, juntamente com os alunos.

2. Leitura de poemas sociais brasileiros que abordem as mesmas temáticas dos textos dos alunos - Exemplos possíveis: Conceição Evaristo (“escrevivências”); Sérgio Vaz; Elisa Lucinda; Paulo Leminski; Manuel Bandeira.

Identificação de imagens e denúncias.

Pergunta: “O que esse poema faz sentir?”

3. Estudo da linguagem poética:

Identificação guiada dos elementos formais: versos, estrofes, quebras de linha, repetições e ritmo em poemas lidos na etapa.

Localização de rimas (quando houver) e discussão do efeito produzido.

Reconhecimento de figuras de linguagem simples (metáfora, comparação, repetição).

Conversa breve: “Como a construção do poema ajuda a expressar dor, fome, denúncia ou desejo?”

#### 4. Oficina de sensações

Estudantes escrevem listas rápidas:

“Dói...”; “Falta...”; “Quero...”; “Sonho com...”

Essas frases servirão como matéria-prima para o poema.

#### 5. Produção do poema social

Cada estudante transforma uma sensação em poema curto.

Orientações: usar repetição; criar imagens; expressar denúncias e resistências.

#### 6. Roda poética

Leitura dos poemas; Escuta sensível; Comentários estéticos e emocionais.

#### 7. Reescrita orientada

Ajuste de versos sem apagar estilo próprio;

Aprimoramento de imagens e ritmo.

#### **Avaliação**

Criatividade; Clareza expressiva; Coerência temática;  
Participação na roda poética e reescrita.

## *Produto Final*

COLETÂNEA “POESIAS DA FOME: VERSOS DA EJA”.

# Sugestão 9

NOTÍCIA COMUNITÁRIA: REPORTAR O TERRITÓRIO PARA LER O MUNDO

## **Tema gerador**

Fatos reais: violência, transporte, enchentes, saúde, solidariedade comunitária.

## **Fundamentação pedagógica**

A produção de notícias comunitárias fundamenta-se na leitura crítica do mundo (Freire, 2018; 2021), entendendo que relatar fatos do território é interpretar desigualdades vividas. O gênero notícia, como discurso social (Bakhtin, 2012), permite que estudantes assumam autoria sobre a própria realidade, contrapondo estigmas midiáticos sobre periferias (Arroyo, 2017; Zibechi, 2012). A escrita jornalística, articulada à prática social da linguagem, fortalece análise crítica e consciência cidadã (Geraldi, 2003), transformando relatos em informação pública.

## **Objetivo geral**

Produzir notícias comunitárias baseadas em fatos vividos na região.

## **Objetivos específicos**

Identificar elementos da notícia;  
Reportar fatos reais com clareza e objetividade;  
Relacionar fato observado a questões sociais estruturais;  
Exercitar escrita informativa sem sensacionalismo.

## **Conteúdos curriculares**

Estrutura da notícia (lide, desenvolvimento); Perguntas-chave (o quê, quem, quando, onde, como, por quê); Linguagem objetiva; Citação e relato.

## **Etapas e ações**

1. Leitura de trechos do livro e transformar relatos em fatos a serem reportados.

Ex.: falas como: “A polícia não chega no bairro.”; “O ônibus demora 40 minutos.”; “No posto não tem especialista.”.

2. Leitura de notícias reais - Analisar notícias locais (sem sensacionalismo).

Identificar: manchete; subtítulo; lide; citações; dados.

3. Apuração coletiva

Estudantes escolhem problemas do território e fazem mini-apurações: ouvindo colegas; anotando fatos; registrando horários; observando o trajeto.

4. Produção da notícia

Escrita de uma notícia comunitária com: manchete clara; lide preciso; parágrafos curtos; uma ou duas citações; dado ou contexto do livro.

5. Revisão orientada

Checagem do lide; Verificação de clareza informativa; Evitar exageros.

6. Publicação

Mural escolar “Jornal da EJA”;  
PDF digital.

## **Avaliação**

Fidelidade aos fatos; Clareza; Lide bem formulado; Participação na apuração; Produção textual coerente.

---

# *Produto Final*

JORNAL COMUNITÁRIO DA EJA.

---

# Sugestão 10

PODCAST: VOZES DA EJA, VOZES DA PERIFERIA

## Tema gerador

As histórias de vida, desafios e “fomes” transformadas.

## Fundamentação pedagógica

A produção de podcasts fundamenta-se na oralidade como prática legítima de produção de sentidos (Geraldi, 2003) e na concepção bakhtiniana de enunciação dialogal e social (Bakhtin, 2012). A voz, enquanto instrumento político, rompe silenciamentos históricos (Freire, 2018; 2021) e permite que estudantes da EJA narrem suas experiências. As histórias revelam pobreza multidimensional (Arroyo, 2018; Yazbeck, 2012), violência, resistência e esperança. Assim, o podcast se torna meio de autoria, memória e protagonismo periférico.

## Objetivo geral

Criar episódios de podcast narrando histórias reais inspiradas no livro, articulando oralidade, roteiro e consciência crítica.

## Objetivos específicos

Ler relatos e identificar temas fortes para episódios;  
Elaborar roteiros coerentes e interessantes;  
Desenvolver habilidades de fala, entonação e gravação;  
Editar episódios simples no celular.

## Conteúdos curriculares

Gênero podcast: estrutura e linguagem; Roteiro oral; Entonação, ritmo e escuta; Oralidade planejada.



## **Etapas e ações**

1. Escuta de podcasts simples - Rádio Novelo ou podcasts escolares – Identificar o que torna a fala interessante.

2. Leitura de trechos do livro dos alunos e roda de conversa sobre as vivências individuais e plurais dos alunos.

3. Escolha dos temas de cada episódio e de cada história que será contada a partir das emergências: violência; fome; trabalho; maternidade; futuro; território.

4. Estudo da estrutura e escrita do roteiro

Roteiro com: abertura (quem fala?); apresentação da história; desenvolvimento; reflexão; fechamento.

5. Ensaio da oralidade

Trabalho com: entonação; pausas; clareza; emoção.

6. Gravação pelo celular

Em grupos ou individualmente.

7. Edição simples

Usar apps gratuitos (CapCut, Anchor, MP3 Cutter).

Adicionar: trilha suave; vinheta da turma.

8. Audição coletiva

Os episódios são ouvidos na sala.



## **Avaliação**

Clareza do roteiro; Entonação e oralidade; Coerência da narrativa; Participação do grupo; Qualidade final do episódio (conteúdo, não técnica).

## **Produto Final**

PODCAST “VOZES DA FOME: HISTÓRIAS DA EJA” (3–5 EPISÓDIOS).



O Produto Educacional apresentado aqui reafirma a concepção de que a EJA é um espaço de produção de saberes e de resistência cotidiana, no qual a linguagem assume papel central para a ampliação dos direitos e para a construção de autonomia. Ao tomar as narrativas dos estudantes como eixo estruturante, este material rompe com modelos de ensino descontextualizados e propõe práticas que reconhecem os sujeitos da noite como autores de sua própria história.

As dez possibilidades didáticas aqui reunidas não pretendem oferecer um “modelo ideal”, mas possibilidades concretas e situadas de trabalho com a língua portuguesa em diálogo com a vida. Elas partem da compreensão freireana de que ensinar é um ato político e que não há neutralidade na palavra (FREIRE, 1996; 2018). Ao transformar as fomes dos estudantes em ponto de partida para o ensino, o produto afirma a potência pedagógica de uma educação que se enraíza no território e na experiência.

Assim, as propostas apresentadas neste livro destinam-se aos professores de Língua Portuguesa da EJA e espera-se que este material contribua para fortalecer práticas comprometidas com direitos, com a leitura crítica do mundo e com a construção de um currículo que responda às necessidades reais da população jovem e adulta. Que as palavras dos estudantes continuem

circulando, produzindo novos sentidos e abrindo caminhos para que outras fomes – desta vez, fomes de justiça, de liberdade e de voz – possam ser nutridas na escola.

Ao elaborar o produto educacional desta pesquisa, buscamos construir caminhos que não reduzissem a potência da EJA a uma abordagem meramente instrumental. Pelo contrário, ao ancorar cada possibilidade didática nas práticas sociais de linguagem que apareceram nos textos dos estudantes, reafirmamos a compreensão de linguagem como prática social, situada e atravessada pelas condições concretas de vida dos sujeitos (Geraldi, 2003; Bagno, 2007; Bakhtin, 2012). Do mesmo modo, recuperamos a defesa freireana de que ensinar língua é ensinar possibilidades de nomear o mundo, interpretá-lo e reivindicar direitos, reconhecendo que não há neutralidade no ato de ler e escrever (Freire, 1996; 2018; 2021).

Assim, as propostas apresentadas neste trabalho pretendem ampliar o sentido do trabalho pedagógico na EJA, fortalecendo práticas de leitura e escrita que dialogam com as necessidades concretas e urgentes dos sujeitos da noite. Ao tratar de direitos trabalhistas, políticas públicas, violência urbana, território, memória, projeto de vida e textos funcionais da vida adulta, estas propostas mobilizam dimensões críticas, estéticas e políticas da linguagem.

É importante reconhecer, no entanto, que a pesquisa também tornou visíveis as tensões e desafios persistentes na educação de jovens e adultos. A fome que atravessa os textos – fome de direitos, de tempo, de reconhecimento, de segurança, de futuro – é expressão de desigualdades históricas marcadas pela violação sistemática de direitos e pela precarização da vida (Arroyo, 2005; 2017; 2018; Yazbeck, 2012; Telles, 1993; Cararo, 2015). Tais condições revelam que a escola, sozinha, não dá conta de solucionar as múltiplas dimensões da pobreza, mas pode constituir-se como espaço de encontros, de escuta, de aprendizagem e de reconstrução de dignidade.

Se, ao longo do estudo, aprendemos com os estudantes que a sala de aula noturna é espaço de luta cotidiana, também compreendemos que a docência na EJA exige uma ética da escuta, da mediação e da presença. Os estudantes não atravessam a porta da escola como páginas em branco; carregam consigo marcas do trabalho, da maternidade, da violência urbana, da precariedade habitacional, mas também da esperança, da reinvenção e da persistência – elementos profundamente vinculados ao território em que vivem (Zibechi, 2012). E é nesse encontro – sempre assimétrico, sempre desafiador, sempre urgente – que se constitui a pedagogia da EJA.

Por fim, reconhecemos que esta pesquisa deixa mais perguntas do que respostas. A fome que orientou este trabalho não se encerra aqui: ela continua a exigir políticas públicas de permanência, formação docente específica, currículos contextualizados e investimentos na escola pública. Também permanece o desafio de fortalecer práticas pedagógicas que reconheçam o estudante da EJA como sujeito histórico e político, e não como exceção, atraso ou déficit. Resta, ainda, o compromisso ético e intelectual de sustentar uma educação que, como diz Freire (1996), não se limite a adaptar sujeitos ao mundo, mas os convoque a transformá-lo.

Se esta pesquisa conseguiu produzir algum alimento – teórico, político, afetivo, ou simplesmente humano – que possa sustentar outras práticas docentes, outros olhares, outras pesquisas, então ela cumpriu seu papel. Mas a fome que nos move – a fome de justiça, de equidade, de reconhecimento – permanece. E talvez seja essa permanência que garanta que este trabalho não termine aqui, mas siga reverberando nas salas de aula da noite, nos livros que ainda serão escritos e nas vidas que insistem, apesar de tudo, em aprender.

# REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** In: BRASIL. *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.* Brasília: UNESCO; MEC; RAAAB, 2005.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da noite – do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual?.** Educação & Sociedade, v. 39, n. 145, p. 1098-1117, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2012 [1979]. p. 261-306.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

CARARO, Marlene de Fátima. **O programa mais educação e suas interfaces com outros programas sociais federais no combate à pobreza e à vulnerabilidade social: intenções e tensões.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. 53. ed. São Paulo: Cortez, 2021 [1989].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018 [1987].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021 [1996].

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.

PAIVA, Jane; SALES, Jeronimo. **Educação de Jovens e Adultos: direitos, concepções e sentidos**. In: PAIVA, Jane; DI PIERRO, Maria Clara. *Educação de Jovens e Adultos: velhos e novos desafios*. São Paulo: Ação Educativa, 2014.

PAIVA, Jane. **Imaginando uma EJA que atenda a demandas de cidadania, equidade, inclusão e diversidade**. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 3, p. 1142-1158, 2019.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: Editora 34, 1993.

YAZBECK, Maria Helena. **Pobreza no Brasil: significados, conceitos e estratégias de enfrentamento**. São Paulo: Cortez, 2012.

ZIBECHI, Raúl. **Territórios em resistência: cartografia política das periferias latino-americanas**. São Paulo: Autonomia Literária, 2012.



# **APÊNDICE**

**LIVRO “FOME DE QUÊ: RELATOS E REFLEXÕES DA  
GENTE DA EJA EM TERRA VERMELHA”**

Organização  
**Suely Martiniano de Souza**

# **FOME DE QUÊ?**

**Relatos e Reflexões da Gente da EJA  
em Terra Vermelha**

# FOME DE QUÊ?

Relatos e Reflexões da Gente da EJA  
em Terra Vermelha

## Autores

ANA PAULA OLIVEIRA DOS SANTOS BOMFIM	IZAMARA MIRANDA DE JESUS
ANDRESSA DA SILVA RAMOS	IZAQUE MOURA XAVIER
CARLOS EDUARDO DA SILVA GONCALVES	JANAINA GONCALVES DOS SANTOS
CEZAR AUGUSTO PEREIRA DE OLIVEIRA	JANICE LAIBER DA SILVA
CLEBSON SOUZA SILVA	JHENNIFER SANTANA DOS SANTOS
CLEIDEMARA RODRIGUES DA SILVEIRA	LEIA CONCEICAO DA SILVA
EDMILTON FERREIRA DA SILVA	LUANA RODRIGUES SANTANA
ELIEL DE JESUS SANTOS	MAIQUELANE GOMES DE ALMEIDA
ELVINA RAMOS DUARTE SOARES FRANCIELLI DE ALMEIDA MACHADO	NEILIANE DE JESUS OLIVEIRA
GEANE MAIER GOMES	PRISCILA CUSTODIO DA SILVA
GRAZIELLE MACHADO TEIXEIRA	ROSILENE RODRIGUES DOS SANTOS
ISABELE DIAS SOUSA	VANESSA PEREIRA DIAS
	ZILMA DE ARAUJO

## Organização

*Suely Martiniano de Souza*

Este livro é dedicado a:

*Toda a gente da EJA que, por algum motivo, não pode acessar a educação regular em idade pré-determinada, e retornou à escola para concluir o ensino básico já adulto.*

*A educação é seu direito.*

*Quantos outros também já não lhe foram negligenciados?*

## Sumário

Apresentação .....	1
PARTE I: A gente .....	2
PARTE II: A gente não quer .....	15
PARTE III: A gente não quer só comida .....	22
Agradecimentos.....	30
Sobre os autores.....	31

## Apresentação

Este livro configura-se como um manifesto político de alunos da Primeira Etapa da EJA Profissionalizante da EEEFM Terra Vermelha, no primeiro semestre letivo de 2024.

Os textos aqui reunidos foram escritos pelos próprios estudantes, ao longo do mês de junho, como registros das discussões ocorridas por meio de movimentos dialógicos no tocante à Educação e à Pobreza nesta modalidade de ensino, no decorrer das aulas de Língua Portuguesa.

A obra é produto de Mestrado Profissional em Educação da professora regente da referida disciplina nas turmas em questão e objetiva publicizar as vozes dos sujeitos colaboradores da pesquisa. Intencionamos, assim, fomentar um debate acerca do acesso, da permanência e da qualidade do ensino ofertado aos alunos da EJA, bem como contribuir, por meio das reflexões e intervenções sobre a garantia de direitos, para a formação de novas políticas públicas de enfrentamento à pobreza e à extrema pobreza na Região da Grande Terra Vermelha, no município de Vila Velha-ES.

## **PARTE I**

### **A gente**

Nesta seção foram agrupados os textos produzidos em forma de relatos de vida dos estudantes. “A gente” foi convidado a revisitar as memórias e a pôr no papel vivências marcantes dentro e fora da escola. Aqui, passados, presentes e futuros ganham marcações bem definidas, mas os textos nos mostram que esses tempos respingam uns nos outros ao longo da leitura das páginas a seguir.

## MEMÓRIAS

Lembro de quando eu tinha 7 anos, todas as amizades que fiz na antiga escola, eu ia para a praia com a família e, às vezes, íamos para a praça que havia perto de casa. Aos meus 10 anos, fiquei de recuperação em Matemática e Língua Portuguesa. Na recuperação, eu dei meu máximo e consegui a nota necessária para passar nas 2 matérias. Aos meus 15 anos, entrei em outra escola, a antiga só tinha até o 5º ano do Ensino Fundamental, e na nova escola tinha até o 9º ano, mas no meio do bimestre meus pais estavam de mudança de residência por conta de o aluguel ser um pouco caro: “750 reais”. Daí mudamos para Jabaeté: “Terra Vermelha”, nos restauramos aqui e esperei um tempo para voltar a estudar. Daí eu comecei a estudar no “Paulo César Vinha” e completei o Ensino Fundamental, agora estou estudando na escola de Terra Vermelha. Eu espero que eu tenha condições no futuro para adquirir a minha casa.

## MINHA HISTÓRIA

Hoje está indo muito bem, graças a Deus. Eu estou estudando. Estou realizando meu sonho, porque eu tinha muita vontade de estudar porque eu não tive oportunidade de estudar quando eu era criança.

Meus filhos já estão grandinhos e já são donos dos seus narizes.

Então estou muito feliz. Moro só com o pai dos meus filhos e minha vida é outra. Hoje eu viajo e volto para casa e vai indo tudo bem.

Eu como e bebo o que eu quero, graças a Deus.

Com Deus no controle dá tudo certo no fim.

Nunca pode perder a esperança de alguma coisa que desejamos. Não podemos desanimar da vida porque a vida é boa.

Temos de saber aproveitar as oportunidades que a vida dá.

Então é bem assim.

## SEM TÍTULO

Eu parei de estudar porque estive doente desde 2020 de depressão. Não deu para eu estudar. Fui para a Bahia fazer tratamento contra depressão, por isso, fiquei três anos sem estudar, estive internada.

## **UMA CARTA SOBRE OS FATOS DA VIDA**

O fato mais marcante da minha vida foi quando eu engravidei do meu filho e vi que tudo ali iria mudar, por ser muito nova. Mas, depois que ele nasceu, foi a melhor coisa que me aconteceu.

Eu parei de estudar com 17 anos. Parei no 1º ano por conta do meu filho, porque ali eu vi que iria perder várias trajetórias da vida dele: perder o primeiro passo, a primeira palavra, e entre várias outras coisas, e até hoje me dói quando eu venho para a escola e deixo ele em casa chorando. Eu retornei para a escola no dia 12 de março de 2024 porque percebi que sem os estudos eu não poderia conseguir um trabalho bom que eu possa me estruturar na vida.

Eu espero do meu futuro conseguir dar uma vida melhor para minha família e para meu filho.

## **SEM TÍTULO (2)**

Quando menor não pude estudar porque trabalhava para o meu pai. Eu carreguei muito peso, também não podia ver um trator, eu ia aonde ele estava. Eu já fui mendigo, comia porcaria, depois meu pai me achou na chuva, debaixo de uma lona. Eu estava todo sujo.

Eu fui para a escola com 35 anos, estudei no Alger Ribeiro em Cidade da Barra. Depois parei por causa do trabalho. Eu era novato, tinha de fazer hora extra, por isso eu parei de estudar.

Depois eu casei, tive duas filhas maravilhosas. Hoje com 54 anos sou vovô com muita honra.

## **MOTIVOS PARA TER VOLTADO A ESTUDAR**

Parei de estudar, pois com 17 anos fui embora de casa e me casei, um ano depois engravidei, mas meu sonho sempre foi de ser obstetra. Com o tempo me pareceu um sonho muito distante, aí ano passado me veio na cabeça de trabalhar no SAMU. Então voltei a estudar para conseguir me formar e fazer o meu curso de socorrista para entrar na área da saúde que sempre foi meu sonho!

## UM JOVEM SEM JUVENTUDE

Minha vida do passado é uma página em branco, linhas mal traçadas, vida atrasada no submundo das drogas, no escuro em uma bolha só minha, não tive juventude, não conheci ser jovem, fui um jovem adulto.

Aos 16 anos já era pai, tinha que ter responsabilidade, com o compromisso de ser adulto por ter engravidado minha namorada. Tive que parar de estudar para trabalhar, já que tinha me transformado pai jovem, mas fui em frente e com muita responsabilidade, mas não saí do submundo da droga. Falo assim pois não usava muitas, só a maconha, menos mal, mas sempre com o meu trabalho. Nunca precisei de tirar nada de ninguém para usá-la.

Mas graças a Deus que criei meus filhos dignamente, parei de usar a droga, saí da bolha e hoje sou um ser humano livre.

Hoje, após os 45 anos, me sinto um jovem e vou seguindo, levando a minha vida em frente, mas agora não mais com páginas em branco, e sim concluindo o livro da vida.

Voltei a estudar para concluir a minha vida no livro.

## SEM TÍTULO (3)

Eu, aos três anos, perdi meu pai, foi uma situação difícil, pois sofri muito. Minha mãe se casou de novo com uma pessoa horrível que era preconceituosa com minha irmã. Ela tinha dois anos. Até os sete, sofreu com xingamento e apelido preconceituoso.

A minha adolescência foi mais conturbada, tive muito problema de aliciamento pelo irmão de minha mãe até o ponto de ele tentar tirar a minha vida, mas aí é outra história, pois o fato que mais me marcou foi o nascimento da minha menina. Veio como uma luz no meio da escuridão sobre minha vida. Tenho dois filhos lindos que são a razão do meu viver.

Voltei para a escola pelo suporte da volta de minha mãe da Bahia.

#### **SEM TÍTULO (4)**

Desde pequena, via meus pais trabalhando muito para nos dar uma boa educação e qualidade de vida.

Minha infância foi marcada por muitos momentos bons e ruins.

Um fato que ficou marcado foi a violência doméstica que minha mãe sofria dentro de casa.

Com 17 anos parei meus estudos, quando conheci um rapaz e fui morar com ele.

Retornei à escola no ano passado, porém desisti no meio do percurso, porque chegava exausta do trabalho.

Esse ano, voltei disposta a terminar, pois tenho o objetivo de fazer faculdade de Direito.

Eu espero que, no futuro, eu esteja bem próspera e formada em Direito.

#### **FATOS MARCANTES**

Quando parou de estudar? Motivos?

Eu não parei de estudar, só perdia muitos dias de escola para ajudar minha mãe.

Quando eu tinha 15 anos, tive que ajudar minha mãe.

Quando retornou para a escola e os motivos?

O motivo é que eu quero terminar os estudos.

O que espera para o futuro?

Terminar os estudos para ser um bom trabalhador, para conquistar uma casa.

#### **MOTIVO PARA TER VOLTADO ÀS AULAS**

Eu parei de estudar porque casei cedo, mas sempre ficava no pensamento de voltar, mas aí vinha o desânimo, mas esse ano resolvi voltar porque recebi no meu próprio trabalho muitas propostas boas de um novo setor.

## **NOVOS RECOMEÇOS**

Este ano está sendo um ano de recomeços e de escrever minha própria história. Não está sendo tão fácil como eu pensei que seria, mas a cada dia me esforço e me dedico mais.

Atualmente, estou com 22 anos, e no ano de 2014 parei meus estudos após me envolver com uma pessoa. No ano seguinte, voltei a estudar, porém, descobri minha gravidez na adolescência, aos 15 anos. Consegui terminar o Ensino Fundamental e, logo após, dei à luz, e precisei deixar os estudos para cuidar do meu filho e trabalhar. Quando me dei conta, já tinham se passado 8 anos e eu só adiava meus estudos, mas o desejo de completar meus estudos para ter um emprego melhor e até mesmo conseguir fazer um curso técnico, uma faculdade e dar uma estabilidade melhor para minha família falaram mais alto.

Então, este ano decidi que eu preciso olhar mais para mim e querer o meu bem também, e enquanto eu não conseguir alcançar meus objetivos eu não vou desistir.

## **UM COMEÇO PARA UM FUTURO**

Eu comecei a estudar e parei, e decidi retomar os estudos na EJA, porque eu tenho um sonho de terminar os estudos e fazer uma faculdade.

Então, achei mais fácil estudar na EJA, porque é uma oportunidade de terminar os estudos mais rápido.

Eu parei os estudos aos 12 anos, por motivos de situações financeiras. Me sentia envergonhada porque não tinha uma vestimenta adequada para estudar.

E por motivos de conquistar um futuro melhor, retomei os estudos.

Um fato marcante que aconteceu na minha vida foi que consegui uma bolsa de estudos no IFES. Nunca irei esquecer dessa oportunidade.

E o meu futuro, terminando o Ensino Médio, quero fazer uma Faculdade de Medicina.

## UM FUTURO BOM JÁ NÃO ME ESPERAVA

Como esperar um futuro bom sem estudo? O motivo de eu voltar a estudar, foi pensando no meu futuro. Um trabalho melhor, uma profissão, ter um salário melhor. Sem estudo sei que não havia mais um futuro bom.

Em 2013, parei de estudar, pensei em voltar por várias vezes, mas acabava desistindo. Já não me via mais por 3 anos na escola. Agora em 2024 vi que não dava mais para ficar fora da escola. Levei um não de uma resposta de emprego. Como eu não queria ficar mais três anos na escola, a EJA está sendo fundamental para concluir em menos tempo.

Agora já posso voltar a pensar no meu futuro com os estudos. Há mais portas abertas, posso esperar um futuro melhor. A EJA está sendo um caminho para tudo de bom que há de vir sobre mim.

## SEM TÍTULO (5)

Eu tinha muita vontade de aprender, mas eu tenho uma dificuldade de entender. Sou muito tímida.

Tenho vergonha de não saber as atividades, sempre tive problema. Só estou no 1º ano porque os professores me ajudaram. Eu não sei ler corretamente e nem escrever. Não sei nem ligar o computador. Se eu pudesse, eu desistia de estudar. É muito difícil para mim, não consigo aprender matemática, é muito triste.

Tenho um sonho de ser costureira, mas não consigo aprender a matemática para eu fazer os moldes.

Quando eu era criança eu apanhei muito por não conseguir fazer as atividades da escola, meu pai achava que era preguiça. Às vezes eu pego, mas logo esqueço, é difícil para mim.

## **UMA MULHER SONHADORA**

Sou uma pessoa que, em todo momento da minha vida, sempre lutei para ser a profissional que sou hoje. A vida que tenho hoje, só eu e minha filha, pois eu não era feliz ao lado do pai dela. Lutei, sai da Bahia e vim para o Espírito Santo sozinha com minha pequena com Deus na frente. Com garra, força e esforço, consegui ingressar na minha profissão e assim consegui sustentar minha filha com meu próprio suor. Parei os estudos para cuidar da minha filha em 2018. Os motivos foram que eu não tive apoio de ninguém que me ajudasse com ela. O que eu espero do futuro é que eu não desista dos meus sonhos e que eu consiga me formar como técnica de enfermagem.

## **RELATO DE VIDA ESCOLAR**

Tenho 49 anos, estou cursando a EJA porque não tive como terminar quando jovem. Parei os estudos na 6ª série para cuidar dos filhos e não tinha com quem deixar.

Adulta, tentei o supletivo duas vezes, mas não consegui. Em 2023, fiz outra e consegui terminar a 8ª série, e estou aqui cursando a primeira etapa da EJA.

Estou trabalhando e estudando a noite. É um pouco cansativo, mas estou tentando. E almejo continuar e terminar.

## **MINHA HISTÓRIA (2)**

Quando eu era mais novo, meus pais tinham medo de me colocar na creche, porque eles tinham visto uma notícia na televisão que uma criança de 4 anos estava sendo maltratada fisicamente pelos cuidadores, e aí meus pais ficaram com medo de me colocar na creche e alguma coisa acontecer comigo. E aí o tempo foi passando e eu fui ficando mais velho. Com 8 anos, já atrasado, meus pais foram lá e me matricularam na escola para eu estudar. Daí depois eu reprovei, e parei de estudar por causa do corona vírus. A diretora da escola onde eu estudava chamou meus pais para conversar, aí perguntou se meus pais permitiam que eu estudasse de novo na EJA, e aqui estou eu no primeiro ano do ensino médio.



## **SEM TÍTULO (6)**

Eu lembro que, quando eu era criança, minha família e eu morávamos de favor na casa dos outros. Não foi uma infância muito boa. Passávamos muita dificuldade e humilhação por parte dos donos da casa. Quando eu tinha uns 7 anos, meu pai conseguiu um terreno que ele invadiu no morro de Normília e nos mudamos para lá. Logo meus pais me colocaram na escola Paulo César Vinha. Eu estudei lá 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série, só que as coisas na minha casa não estavam nada boas. Meu pai batia muito na minha mãe e eles se separaram, e com essa confusão toda eu parei de estudar e fiquei muito tempo sem estudar. Em 2004, voltei a estudar no Marcílio Dias a noite, mas logo parei. Se passaram mais alguns anos e voltei para a escola de novo, dessa vez no Aylton de Almeida e lá eu fiz 5ª, 6ª e 7ª série, e engravidei pela primeira vez. Parei de estudar, tentei voltar a estudar outras vezes, mas sempre engravidava e parava, e acabei desistindo. Depois se passaram 8 anos e eu quis voltar para tentar estudar de novo no Paulo César Vinha, na 8ª série. Aí veio a pandemia e fiquei mais 4 anos sem estudar. Por incentivo da minha cunhada, esse ano resolvi tentar de novo, espero conseguir terminar meus estudos, e o que eu espero para o futuro é conseguir um bom emprego, conquistar minha casa própria e terminar de criar meus filhos.

## **MINHA HISTÓRIA (3)**

Eu parei de estudar na sede municipal em 2019. Fiquei 4 anos sem estudar, porque não tinha incentivo. Aí comecei a ter meu próprio incentivo e me matriculei na EJA. Com certeza foi minha melhor escolha, eu estou gostando muito, pretendo finalizar os meus estudos e fazer uma faculdade, graças a EJA. Foi uma luta, estou amando a escola, também está sendo meu primeiro ano.

## **UMA NOVA ESTÓRIA PARA MINHA FAMÍLIA**

Voltei a estudar aos 38 anos. No momento, era aprender a ler, agora é me formar e ter um bom trabalho. Tenho um sonho de ser designer de moda e dar exemplo para meus filhos, que sem estudo a gente fica parado no tempo. Então aprendo e incentivo meus filhos a estudarem.

## SUPERAÇÃO

Apesar de ainda muito jovem, minha vida sempre foi diferente das demais meninas da minha idade, desde muito cedo.

Na minha infância, me sentia rejeitada pela minha mãe, fui criada pela minha vó materna e só vim ter contato com meu pai aos 13 anos de idade. Para piorar a minha situação, minha mãe ficou doente, teve um câncer e veio a falecer.

E então tive que assumir diversas responsabilidades que não eram comuns para adolescentes da minha idade, e para piorar ainda mais, passei por várias situações que me levaram ao sofrimento psíquico que hoje tenho que lidar. Passei por um casamento que durou 6 anos, tive minha primeira filha um ano depois que minha mãe morreu e um dos meus 4 irmãos foi assassinado aos 16 anos de idade.

Então, me vi sozinha aos 17 anos com uma filha para criar, e grávida de 3 meses da outra e com dois irmãos pequenos para criar, com 8 e 9 anos. Sentia uma tristeza imensa, uma angústia muito forte dentro de mim que não passava, chorava intensamente até começar a me cortar para aliviar essa dor emocional. Então tentei o suicídio, tomei inseticida, mas fui socorrida a tempo, só queria morrer e algo que tirasse aquela dor do luto de estar só.

Após o nascimento da minha segunda filha, procurei ajuda no CAPS da minha cidade e dei início aos tratamentos. Vacilei com meus acompanhamentos entre altos e baixos, nunca desisti de mim sobre a minha vida. Eu a resumo na seguinte frase: “eu não venci a depressão, mas aprendi a conviver com ela todos os dias, não deixando ela me vencer”. Hoje procuro ver o mundo de outra forma e perceber que só depende de mim para fazer meus dias mais coloridos e felizes.

Diante de tudo que aconteceu, eu sempre sonhei em voltar a estudar para realizar um sonho, mas não tive oportunidade, e hoje, depois de tudo isso, eu coloquei as coisas no lugar.

Venci meus medos, minha insegurança, quis evoluir e tive a excelente oportunidade de retornar e poder estar hoje aqui declarando essa história para vocês.

Espero para o meu futuro uma mulher com os sonhos realizados, uma mulher formada em Podologia, uma mulher realizada, que não desistiu, que hoje é feita de cicatrizes e gratidão.

## MINHAS MEMÓRIAS DE VIDA

A minha infância foi triste. Quando eu era pequena, eu só tinha olho e barriga, a minha mãe trabalhava muito e quem cuidava de mim era minha vizinha.

Minha vó me levava ao médico de uma em uma semana e o médico dizia para ela que teria que me alimentar de três em três horas, senão eu não iria sobreviver.

E assim foi até eu ficar boa. Quando eu tinha de 10 anos em diante, amava brincar na rua onde ficávamos até de manhã, às vezes. As brincadeiras eram: amarelinha, pique-bandeira, pique-pega, polícia e ladrão, queimada, pique-esconde, vôlei, futebol e adivinhação.

Na minha juventude, eu era rebelde, não gostava muito de estudar, mas tive que estudar. Ao chegar no Ensino Médio, não consegui terminar, pois minha vó ficou doente. E como a minha tia, que é surda, não podia ficar com minha vó no hospital com ela, eu ficava, dia e noite, e ninguém trocava comigo. Foi por isso que parei meus estudos.

Fatos marcantes eram quando minha vó juntava toda família para comemorar aniversário, Natal, Dia das Mães, Dia das Crianças. Ela nunca esqueceu do aniversário de ninguém. Mas esses dias marcantes foram indo embora com minha vizinha doente.

Voltei a estudar nesse ano de 2024. O motivo é terminar meus estudos e arrumar um emprego melhor, para eu dar o melhor para meus filhos.

Eu espero que o futuro seja melhor que o passado e o presente. Que no futuro eu possa construir uma família, ter uma estabilidade de vida.

## 1º MEMORIAL DA ESCOLA

A minha infância não foi fácil, pois eu ficava com os meus irmãos para a minha mãe trabalhar. Como irmã mais velha, ficava em casa cuidando da casa e das crianças.

Eu não conheci o meu pai, fui criada por um tempo por padrasto, que achava que como eu não trabalhava, eu tinha que ficar em casa cuidando dos seus filhos com a minha mãe.

Aos 10 anos de idade, a minha avó me matriculou e me colocou na escola escondida da minha mãe e padrasto. Fiquei uns 4 meses na escola, pois a minha mãe me levou novamente para a casa dela para tomar conta dos meus irmãos.

Aos 12 anos, minha mãe, por conta própria, me matriculou novamente. Me lembro como se fosse hoje, o meu ex-padrasto batendo nela por conta disso. Então, novamente, parei de estudar para cuidar da casa e dos meus irmãos.

Aos 13 anos, fui abusada por esse mesmo ex-padrasto. Fiquei com muito trauma em ir para a escola, sentar em uma cadeira de escola e prestar atenção, e entender o que era ali ensinado.

Saí de casa e aos 18 anos voltei a estudar. Porém, engravidei e saí da escola.

Voltei ano passado a estudar e coloquei muita fê em meus estudos, pois foi ele que me tirou de uma depressão pós-parto.

Depois que perdi meus irmãos, eu comecei a me impor para mim mesma, que para atravessar tudo que passei, tenho que concluir tudo que me tiraram da minha infância. Hoje quero um futuro melhor para os meus filhos e só vou conseguir isso através dos meus estudos.

Quero cursar Tecnologia e ser capaz de conseguir tudo que já quis um dia, ser feliz.

## **RELATO DE VIDA ESCOLAR (2)**

Na minha adolescência, aos 16 anos, não consegui terminar meus estudos por motivos de saúde da minha vizinha, que sempre ficava doente, ficava dias e dias e até meses com ela no hospital, mesmo ela tendo vários netos e 6 filhos, ninguém trocava comigo para eu estudar ou descansar. Teve mês que eu e minha vizinha ficamos mais de 1 mês dentro do hospital.

Aos meus 19 anos perdi minha vizinha e tive meu primeiro filho, aí os meus estudos ficaram em último lugar. Hoje, aos 35 anos, tenho 3 filhos de pais diferentes. Com meus 35 anos resolvi voltar a estudar por meus filhos, mas com muita dificuldade estou tentando terminar meus estudos para arrumar um emprego melhor para poder dar o de melhor para os meus filhos.

Meu filho mais velho tem dificuldades na escola, acho que ele tem TDAH. Minha filha do meio tem dificuldades na fala. Ela é muito inteligente, mas a dificuldade na fala está atrapalhando ela.

Estou desempregada e morando de favor na casa da minha mãe. Nós duas não nos damos bem uma com a outra, eu pretendo de coração terminar meus estudos

## **PARTE II**

### **A gente não quer**

Compõem esta seção os textos que evidenciam o que “a gente não quer”. Neles encontramos queixas de vidas e de territórios que foram empobrecidos pela negação de direitos básicos. São textos de denúncia e confissões de negligência pessoais e coletivas sentidas na comunidade. Mais uma vez, a leitura das próximas páginas forma uma teia de diálogos na qual percebemos que as inquietações individuais se cruzam pelos textos que se seguem.

## **A FALHA DO PODER PÚBLICO**

Diante da falta de dedicação do poder público para com a sociedade do povo periférico, são negligenciadas várias promessas da campanha eleitoral, e, assim, a vida do povo de bairro pobre vai ficando para outro dia, outro ano e outra década, e a região não é desenvolvida.

Sempre as ruas e as calçadas não são cuidadas, muitas delas nem são pavimentadas, muitos matos, até mesmo lixos e animais mortos. Só não ficam porque os urubus os comem. Sem contar com a falha da segurança pública que é precária, os postos médicos que aqui existem não suportam a demanda da periferia de Terra Vermelha, isso é um descaso do poder público.

## **DENÚNCIA**

Eu cheguei aqui no Espírito Santo em 2014 e desde então a saúde e moradia aqui é muito difícil.

E agora com esses agendamentos virtuais está ainda mais difícil. A única coisa que eles falam para justificar a falta de profissionais é que a demanda está alta.

Desde 2021, atrás de um neuro para o meu filho, postinho liga uma vez para nos comunicar as consultas de casos tipo neuro, psicólogo, fono e outras especialidades mais difíceis. Se a gente atender, ok, mas se a gente não conseguir atender por conta de trabalho ou não ouvir o celular, eles não retornam e nem agente de saúde nos informa da situação da consulta.

## **NOSSA REGIÃO**

Falta de iluminação, rede de esgoto, projetos não finalizados, ruas projetadas não finalizadas, sinalização, segurança pública, falta de médicos nos postos de saúde, transporte público, tem muitas escolas que não tem uma cuidadora especializada para uma criança que tenha uma doença física.

## **SAÚDE**

A saúde na região onde moro é um caos, péssima. Conseguir consultas facilitou para uns e complicou para outros. Não são todos que conseguem marcar online. A maioria dos funcionários aproveitou dessa situação.

Para conseguir um exame mais detalhado, ficamos meses, até anos. Temos que nos deslocar para outro lugar. No meu ponto de vista, falta muita coisa para melhorar a saúde na região. Falta de médicos nas unidades. A odontologia só faz o básico nos postos e no PA também. Não temos saúde de qualidade.

Em algumas unidades na Região 5, o pessoal tem que madrugar na fila para conseguir senha para consultar. Eu, por exemplo, para conseguir um atendimento no posto, tenho que tentar consultas por demandas, não conseguir, fazer cadastro para marcação de consultas, pois consta que já tinha cadastro, ninguém resolveu e ficou por isso mesmo.

## **DENÚNCIA/DESABAFO SOBRE AS AUSÊNCIAS/NEGAÇÕES DE DIREITOS INDIVIDUAL E DA REGIÃO**

No meu bairro, o atendimento no posto de saúde é precário. As pessoas moram distante, vão a pé e quando chegam lá, não tem ficha, não tem médico.

A agente de saúde não passa nas casas.

Faltam remédios.

Falta segurança porque os traficantes não estão respeitando nem morador.

Guardam drogas em qualquer lugar.

Em morros eternite até da casa da gente.

## **SOBRE A MINHA REGIÃO**

Na minha região, eu vejo que muitas ruas esburacadas, falta de sinalização, falta de saneamento básico, falta de projetos não finalizados, por exemplo, ruas inacabadas, muitas estradas de chão etc.

Também tem muita falta de iluminação, falta transporte público, muitas escolas não têm um cuidador específico para alunos com deficiência mental e física, e não tem a segurança pública boa.

## **DENÚNCIA/DESABAFO SOBRE AS AUSÊNCIAS/NEGAÇÃO DE DIREITOS INDIVIDUAL E DA REGIÃO (2)**

A minha denúncia é pedir mais fonoaudiólogos para as crianças que precisam de ajuda, ter mais cuidadores que amam o que fazem pelas crianças com dificuldades especiais, ter mais médicos que possam ajudar a população.

Há ausência de profissionais da área de educação, ter mais escolas, projetos para crianças, e jovens, adultos também.

Negam os direitos das crianças, jovens e adultos ter direitos aos benefícios sociais.

Negam o direito de uma criança especial ter uma cuidadora para ajudar na escola.

Negam um direito que a mãe tem de fazer uma laqueadura na hora do parto.

## **LEGISLAÇÃO DA EJA**

Eu nunca imaginei estar fazendo algo para terminar meus estudos. Aos meus 16 anos, eu não terminei por motivo de saúde da minha vizinha, que sempre ficava doente. Com tantos netos e filhos que ela tinha, só eu ficava com ela internada e ninguém trocava nem para eu estudar, muito menos descansar. Teve mês que eu e minha vizinha ficamos mais de 1 mês dentro do hospital.

Aos meus 19 anos perdi minha vizinha e tive meu primeiro filho. Ai os estudos ficaram em último lugar. Hoje tenho 3 filhos e todos de pais diferentes.

O que está precisando no nosso território são mais empregos dignos, onde tenha creche e escola em tempo integral para que nós, mães solas, possamos trabalhar com mais tranquilidade, ter projetos para crianças e jovens para que tenham um futuro melhor, ter cursos profissionalizantes de graça.

Ter mais educação nas escolas, mais médicos para cuidar do próximo, ter abrigos para moradores de rua, abrigo para animais que são jogados nas ruas.

A EJA veio para nos dar oportunidade de terminar os estudos e arrumar um emprego melhor.

## **ÁREA DA EDUCAÇÃO**

O que eu acho na área da educação e da saúde? Muito péssimo. O atendimento é horrível, muita falta de educação com o próximo, descaso demais com a população. Tipo, não sou muito de usar a área da saúde do município, mas ouço muitas pessoas reclamando dos descasos que têm. A população reclama das demoras dos exames para sair, o atendimento dos médicos é horrível.

## **VOCÊ CONSIDERA ESSE TERRITÓRIO COMO REGIÃO EMPOBRECIDA?**

Além da educação, tem os problemas nas ruas. Tipo, da pessoa não saber o dia de jogar o lixo no dia certo que o trabalhador pega, fora os outros problemas de esgoto nas ruas. Só aqui na grande Terra Vermelha que acontece esse tipo de problema, tem essas pessoas que não tem alta qualidade de vida.

## **CARÊNCIAS DO BAIRRO**

O meu bairro é um pouco esquecido. Muitas vezes, lixo nos pontos onde as pessoas mais passam, acabam ignorando. Além disso, os moradores também acabam colaborando com as nojeiras que eles mesmo provocam nas ruas. Canos estourados, causando até mesmo alagamentos, e com os alagamentos vêm os mosquitos. O motivo é a falta do carro fumacê e com isso tudo fica difícil para os moradores cobrar, porque nunca tem alguém para ouvir, como simplesmente um presidente de bairro.

## **SEM TÍTULO (7)**

As coletas de lixo, as consultas dos postos de saúde que precisamos, toda vez entramos no site, e a maioria das vezes não tem vaga o suficiente para a população, porque a prefeitura deixa os bairros esquecidos.

## **NEGLIGENCIADOS**

Alguns territórios cheios de sucata, lixos, canos velhos e portas podres. Eu acredito que seja ausência dos fiscalizadores da prefeitura.

Eu vejo as pessoas tentando transformar um ponto viciado de lixo em uma área limpa, mas, infelizmente, existem as pessoas que não colaboram com a limpeza.

Eu considero este território empobrecido, porque a maioria das pessoas que não tem muitas condições vivem por aqui, já aquelas pessoas que têm condições aproveitam e compram terreno mais barato por aqui.

Além disso, outro problema é a maioria dos postes de luz que ficam sem iluminação deixando as ruas escuras.

## **AS NEGLIGÊNCIAS NA REGIÃO DE TERRA VERMELHA**

Na grande Terra Vermelha (Região V), que abarca 21 bairros de Vila Velha, tem uma negligência grande na saúde pública, na segurança e na educação. Vejo problemas na saúde pública, decorrente da falta de médicos profissionais de área específica de cada setor nos postos, não tem ginecologista nos postos da grande Terra Vermelha, falta pediatra, poucos postos para a população grande que tem na região de Terra Vermelha.

Lixo jogado nas ruas fora do dia de coleta, entulhos, até mesmo móveis descartados no meio das ruas, causando moradas de bichos que trazem doenças para a população.

A desigualdade é o maior desafio para a falta de segurança pública, faltam ações, como projetos que abracem jovens e adolescentes nas regiões, por isso temos jovens sem perspectiva de educação e emprego.

Aqui não vejo apoio às mulheres vítimas de violência doméstica e nem às crianças que ficaram órfãs de mãe pelos seus companheiros.

## **NEGLIGÊNCIA NO BAIRRO TERRA VERMELHA**

Na grande Terra Vermelha, temos muitos direitos negligenciados, como, por exemplo, na segurança pública, saúde e na educação.

A saúde pública dos postos do bairro sofre com a falta de profissionais capacitados para assistência.

Além disso, tem a falta de limpeza no bairro, ruas cheias de lixos e até mesmo móveis descartados em lugares proibidos, e vários pontos viciados de lixo.

Acredito que nosso bairro sofre com essas negligências por ser um bairro menos favorecido, injustiça do sistema legal que favorece os mais ricos.

Eu que moro aqui, mas não considero nossa região empobrecida.

## **NOSSA REGIÃO (2)**

A região de Terra Vermelha precisa ter cuidado, mais atenção. Vários locais abandonados, esquecidos, que poderiam ser unidades de saúde, creches etc.

O posto de saúde de Terra Vermelha não tem atendimento bom, é péssimo, uma demora para atender as pessoas, precisamos ficar em cima para ser atendidos, isso precisa mudar.

O asfalto tem que ter melhora, muitos buracos, rua sem estar asfaltadas, muitos barros quando chove viram lama, não dá para poder passar, dificulta muito. Fica mais difícil para quem mora em invasão e tem crianças pequenas de colo. Isso tem que mudar de alguma forma.

## **PARTE III**

### **A gente não quer só comida**

Esta última divisão apresenta-se como um manifesto. Entendidos dos direitos previstos em lei para todos os cidadãos, “a gente não quer só comida”. A seção final traz agrupados os textos reivindicatórios dos alunos. Escritas de enfrentamentos e de sonhos que incitam para a luta e teimam por mudanças. Palavras de “desejo, necessidade, vontade, necessidade, desejo, necessidade, vontade”.

## **VOCÊ TEM SEDE DE QUÊ?**

Quando fazemos essa pergunta, não estamos falando de algo líquido, mas sim do que é o seu maior desejo. Bom, a minha sede é de ser melhor a cada dia, sede de vencer na vida e de me tornar tão diferente a ponto de as pessoas olharem para mim e me conhecerem de novo.

Sei que só quem pode mudar meu futuro e minha realidade sou eu mesma, por isso me esforço para ser uma pessoa melhor não só por mim, mas pela minha família.

Minha maior vontade é de proporcionar o melhor e o que eu não tive para meu filho, e prometi para mim mesma que enquanto eu não me sentir realizada eu não vou parar.

## **FOME DE JUSTIÇA**

Há muita coisa errada no mundo. É triste quem não tem direitos, quem necessita do seu direito e não tem, isso é muito triste. Eu sofro muito com isso. Porque eu vou dizer sobre mim.

Eu recebia bolsa família e meu esposo está doente, então é encosto porque não podia trabalhar. Então, eles tiraram a minha bolsa família e disse que o que ele já recebia dava para nós dois.

É muito errado eles terem tirado de mim porque ele toma remédio e R\$ 1420,00 não dá para tantas coisas, e tem gente que tem condição financeira e recebe o bolsa família.

Meu esposo tem problema de próstata, toma remédios caros. Eu falei com eles e não adiantou de nada. Mas eu, com fé em Deus, vou dar a volta por cima!

## **MINHA REGIÃO 5**

A gente quer a vida como a vida quer!

Queremos viver sem indiferença nem preconceito, que não liguem de onde viemos ou a roupa que vestimos. O nosso bairro é muito desvalorizado pelo resto da sociedade. Tirando tudo isso, a região de Terra vermelha é um lugar muito bom para morar e etc... mas mesmo assim tem muita coisa para melhorar.

## **VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?**

Eu tenho fome de um mundo melhor para meus filhos, um futuro justo e digno para todos. Oportunidades de cursos, empregos com salários dignos para podermos viver melhor, poder passear, se vestir bem, comer bem.

Tenho fome de que o alimento seja um direito básico garantido, e que seja acessível e de qualidade.

Temos fome de uma estrutura de trabalho não-precária.

Temos fome pelo direito de ser. Temos fome de coerência. Temos fome de alegria e diversão no nosso dia a dia.

A vida não é só trabalho, ônibus lotado e contas para pagar. Ela também é bem-estar, aprendizado, diversão.

Além disso, também queremos ter garantido o nosso direito de ir e vir, com transporte público de qualidade, trânsito organizado, liberdade de circular pela cidade e de tomar nossas próprias decisões sobre o futuro que queremos.

## **TENHO SEDE DE PAZ, JUSTIÇA E LIBERDADE!**

Eu quero o mundo e os nossos direitos por igualdade realmente valendo a pena.

Que todos nós fôssemos tratados da mesma maneira.

Que a igualdade fosse realmente de verdade.

Que a nossa comunidade não tivesse que viver atrás das grades como se fosse nós a viver errado.

Quero uma saúde e educação para todos.

Que nossas crianças pudessem brincar como antigamente na rua, ter a preocupação só com o horário de chegar em casa para tomar banho e dormir.

Ter o direito de um salário digno como qualquer outro que vive fora das nossas comunidades.

Quero educação para todos como se nós fôssemos todos iguais.

Quero projetos na comunidade sem isso de demanda, sem quantidade.

## **SAÚDE DE QUALIDADE**

A saúde deveria ser algo priorizado, necessitamos disso. Direitos iguais para todos, uma qualidade de vida melhor, uma saúde melhor. A saúde deveria ser algo mais vigiado, precisa de autoridades para estar indo às unidades de saúde para ver o funcionamento, a forma que a população é atendida.

Nós pagamos por isso, é um direito nosso ir à unidade de saúde e ter um atendimento de qualidade. Percebo muita irregularidade nessa área da saúde da Região 5. Deveria ter mais cobranças, só assim acredito que teria melhoras para a população.

Nossos direitos precisam ser cobrados. Precisamos muito de uma saúde melhor, precisamos ser ouvidos. Não estamos pedindo favor, mas sim um direito a ser realizado.

## **FALAR SOBRE NECESSIDADES/DESEJOS E VONTADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS**

Nosso bairro necessita de vagas nas creches, mais médicos, cursos.

Precisamos de mais policiais. Não respeitam nem crianças na rua passando.

Tem muitas pessoas que, por causa do benefício bolsa família, solteiros, sem filhos, não querem nada com trabalho e, às vezes, nem precisam desse dinheiro, que faz falta para outras pessoas que realmente precisam.

## **SEM TÍTULO (8)**

Onde moro temos necessidade de mais segurança no bairro, poder sentar em uma praça pública com nossa família e ter a certeza que iremos voltar em segurança para casa. Temos vontade de ter um bairro com mais segurança, onde nossas crianças possam brincar sem medo. Desejo chegar em um posto de saúde ter médicos capacitados para atender toda a população.

Tenho um desejo de terminar meus estudos para me formar em direito, um sonho de criança, que com muita determinação, sei que vou conseguir realizar.

### **VOCÊ TEM FOME DE QUÊ? (2)**

Eu tenho fome de um bairro melhor, com menos criminalidade, onde as crianças possam brincar na porta sem medo. De ruas com uma boa iluminação, de ruas com sinalização. Fome onde você possa ir em um médico e ter um médico bom pra poder te atender, médicos no posto de saúde, fome de ter pessoas especializadas na escola para cuidar das crianças com deficiência física e mental.

### **VOCÊ TEM FOME DE QUÊ? (3)**

Eu tenho fome de um bairro melhor, e também fome de uma iluminação, fome de sinalização nas ruas, fome de médico nos postos de saúde, tem muitas escolas que não tem uma cuidadora para cuidar de uma criança que tem uma doença física.

### **FALAR SOBRE AS NECESSIDADES, DESEJOS E VONTADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS (2)**

Meu desejo é ter um bom emprego e uma casa própria para morar.

Ter oportunidades em me qualificar em um ótimo emprego que pague bem e que apoie os funcionários.

Meu desejo é ter condições de ajudar as pessoas que necessitam.

Ter mais educação nas escolas, mais médicos para cuidar da população, ter mais abrigos para moradores de ruas.

Ter abrigos de animais de ruas.

Ter mais lugares onde possam depositar lixos e reciclagem, ter moradias dignas para pessoas morarem.

### **VOCÊ TEM FOME DE QUÊ? (4)**

De melhorias em geral, o direito de entrar e sair com segurança, poder terminar o ensino médio, para que eu consiga fazer um curso para adquirir um emprego melhor.



## **GRANDES AÇÕES**

Você tem sede de quê? Tenho sede de justiça por um país mais justo, com leis mais firmes e severas, sede de acabar com a corrupção e violência no Brasil, ajudar os mais carentes e necessitados, a solidariedade, sede por um Brasil mais sustentável.

Você tem fome de quê? Tenho fome de querer ajudar ao próximo, me formar na área de saúde, ser técnica de enfermagem, fome de fazer tudo valer a pena para que o Brasil se torne um país exemplo, com ajudas sociais, atendimentos médicos e remédios nos postos todos os dias.

## **MEU PENSAMENTO**

As bebidas são coisas normais, mas são proibidas para menores de idade. Mesmo assim, as menores de idade bebem. A diversão para nós.

A gente não quer só comida, a gente se divertir no baile, mas o baile rola 10 horas da noite, é muito perigoso, aí as polícias invadem a festa para não rolar confusão em público.

## **VOCÊ TEM FOME DE QUÊ? (5)**

Eu tenho fome de poder andar nas ruas sem ter medo, pois não posso por causa da rivalidade que tem em nossos bairros.

Poder ir à pracinha com minhas amigas e não ter um doze, pois não dá um cheiro forte de cigarro e outros tipos de droga.

Ter liberdade de fazer as coisas que gostamos, isso é muito bom, mas na grande Terra Vermelha não podemos. Isso tem que mudar.

## **VOCÊ TEM FOME DE QUÊ? (6)**

As pessoas de hoje em dia destacam um objetivo na vida, mas pessoas alcançam o objetivo, perde o ânimo de querer fazer o que querem fazer por ausência monetária e por ausência de segurança. Vejo que algumas partes daqui tem fome de necessidade hospitalar etc. Eu acredito que precisa de melhoria na segurança, as pessoas querem sair para qualquer parte sem medo de serem assaltadas.

## **UM SALÁRIO MELHOR**

Tenho fome de um emprego melhor, um salário melhor para poder sair com os nossos filhos, porque as coisas estão muito caras. Não estamos conseguindo pagar nem um passeio adequado para a criança se divertir. Está tudo um absurdo. As coisas estão fora de controle. Quando se tem um aumento no salário, as coisas aumentam o dobro. Não dá para fazermos o que temos vontade. Muitos pais, mesmo com o trabalho, não conseguem dar uma vida de qualidade para os filhos, ficam entre comer ou pagar para as crianças se divertirem. Muitos até mesmo não conseguem nem dar um alimento de qualidade, devido aos valores que estão, e o salário tão pouco. Um político ganha muito para fazer nada, e um trabalhador ganha um salário-mínimo para lidar com tudo.

## **O QUE EU QUERO SER**

Eu tenho sonhos e luto para realizar os meus sonhos. Eu quero ser enfermeira ou designer de moda, e também cuidadora de criança especial, porque tem poucas profissionais na área, tem muita espera de cuidadoras.

O meu desejo é que todas as leis se cumpram. Eu sou mãe de uma criança especial, tenho sede de justiça, de leis que amparem essa mãe, que não tem onde procurar recursos para seu filho. Tem tantas leis, mas quando a pessoa procura essa lei, ela está só no papel. E não é só a lei que ampara a mãe também, porque a mãe não pode trabalhar, por não ter ninguém para cuidar da criança. Então, essa é minha opinião, que tenha as leis sem ser só no papel, mas sim na realidade, e que nosso governo venha olhar para essas pessoas.

## **VOCÊ TEM SEDE DE QUÊ? VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?**

Temos fome de um mercado de arte mais justo. Temos fome de uma estrutura de trabalho não precária. Temos fome de remuneração e de tempo de descanso também, e remuneração justa e equivalente ao nosso tempo de trabalho e pesquisa.

Temos fome de uma vida mais tranquila e menos carregada ao peso de ser uma mulher racializada. Temos fome de ação, fomos de um espaço para criação. Temos fome e pressa de que nossos corpos sejam possíveis de habitar qualquer espaço. Temos fome de tornar todos nossos sonhos possíveis.

## **MEUS DESEJOS, NECESSIDADES, VONTADES**

Meu desejo é ter mais segurança para poder ir e vir sem ter medo de acontecer algo ruim comigo.

Minha necessidade é terminar meus estudos para fazer um vestibular. Minha vontade é ser uma administradora. É uma profissão que desejo desde quando era criança pois sei que todo esforço de estudar sempre vai ser o melhor investimento para a minha vida. Sabedoria nunca é demais para conseguir meu sucesso e carreira na profissão que escolhi para viver.

Fome tenho de direitos melhores de vida, pois sei quem sou, um cidadão de bem, que corro atrás dos meus objetivos para melhorar meus sonhos, vou sempre atrás dos meus direitos e faço meus deveres como morador, e contribuo para a melhora do meu bairro querido que amo.

## **DEIXA A VIDA ME LEVAR**

O meu desejo e a minha fome é de que tenhamos um bairro como um, todos, como um bairro nobre. Sei que a rivalidade é completamente diferente, por isso vivemos na mão do poder público, realizam uma melhoria quando querem e, como eles estão no poder, deixam a vida de modo diferente dos pobres.

## **EU TENHO MUITA FOME DE...**

Esse é um assunto bem delicado, pois não se trata apenas de mim, e sim de todos a minha volta também, porque se tem o desejo de crescer é para ver o bem da minha família, então eu tenho desejo e fome de riquezas, prosperidade e principalmente tenho fome de direito, pois luto por uma escola digna para minha filha, por um hospital onde minhas necessidades sejam atendidas, luto pelo meu direito de ir e vir, mas nunca me esquecendo dos meus deveres!

## **Agradecimentos**

Aos autores-alunos, que debateram e registraram em textos suas colaborações e reflexões. Aos professores Mayara Permanhane Nascimento e Lucas Corrêa de Almeida que, matematicamente, cederam algumas de suas aulas para que as discussões e produções pudessem seguir. E à EEEFM Terra Vermelha, por permitir essa experiência de diálogos e escrita no espaço da escola.

## **Sobre os autores**

Essa gente são estudantes da EEEFM Terra Vermelha e cursaram a 1ª Etapa da EJA Ensino Médio Profissionalizante no primeiro semestre letivo de 2024.

São alunos que, mesmo diante de tantos obstáculos e lutas diárias, retornam à escola em busca de seu direito à educação e, em meio ao cansaço do trabalho e das responsabilidades familiares, venceram a primeira batalha.

Além do acesso, lutam agora pela permanência e pela qualidade do ensino. Vão até o fim!

**Autores**

**ANA PAULA OLIVEIRA DOS SANTOS BOMFIM  
ANDRESSA DA SILVA RAMOS  
CARLOS EDUARDO DA SILVA GONCALVES  
CEZAR AUGUSTO PEREIRA DE OLIVEIRA  
CLEBSON SOUZA SILVA  
CLEIDEMARA RODRIGUES DA SILVEIRA  
EDMILTON FERREIRA DA SILVA  
ELIEL DE JESUS SANTOS  
ELVINA RAMOS DUARTE SOARES  
FRANCIELLI DE ALMEIDA MACHADO  
GEANE MAIER GOMES  
GRAZIELLE MACHADO TEIXEIRA  
ISABELE DIAS SOUSA  
IZAMARA MIRANDA DE JESUS  
IZAQUE MOURA XAVIER  
JANAINA GONCALVES DOS SANTOS  
JANICE LAIBER DA SILVA  
JHENNIFER SANTANA DOS SANTOS  
LEIA CONCEICAO DA SILVA  
LUANA RODRIGUES SANTANA  
MAIQUELANE GOMES DE ALMEIDA  
NEILIANE DE JESUS OLIVEIRA  
PRISCILA CUSTODIO DA SILVA  
ROSILENE RODRIGUES DOS SANTOS  
VANESSA PEREIRA DIAS  
ZILMA DE ARAUJO**

**EEEFM Terra Vermelha**



Universidade Federal  
do Espírito Santo



mestrado profissional  
ppgmpo/ufes